



unioeste

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

CEZAR ROBERTO VERSA

**DUAS SENDAS DO DISCURSO PSICÓTICO EM *O DIA EM QUE MATEI MEU PAI:*
*ESSE SILÊNCIO... VOCÊ AINDA ESTÁ AÍ?***

CASCADEL – PR

2017

CEZAR ROBERTO VERSA

**DUAS SENDAS DO DISCURSO PSICÓTICO EM *O DIA EM QUE MATEI MEU PAI:*
*ESSE SILÊNCIO... VOCÊ AINDA ESTÁ AÍ?***

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Letras.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares.

CASCADEL – PR

2017

CEZAR ROBERTO VERSA

**DUAS SENDAS DO DISCURSO PSICÓTICO EM O DIA EM QUE MATEI MEU PAI:
*ESSE SILÊNCIO... VOCÊ AINDA ESTÁ AÍ?***

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do Título de Doutor em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares (UNIOESTE)
Orientador

Prof. Dr. Pedro de Souza
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Membro Efetivo (convidado)

Profa. Dra. Olimpia Maluf-Souza
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
Membro Efetivo (convidado)

Prof. Dr. João Carlos Cattelan
Membro Efetivo (da Instituição)

Profa. Dra. Rita das Graças Felix Fortes
Membro Efetivo (da Instituição)

Cascavel, 10 de março de 2017.

Dedico este trabalho aos meus filhos: Júlio
Cezar e a sua irmã Laura que está na barriga
da mamãe.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por toda nossa condição de existência

Ao professor Alexandre Sebastião Ferrari Soares, por todo o incentivo, orientação, carinho e calma em minha caminhada nesse Doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Unioeste e a todo seu corpo docente.

Aos professores Pedro de Souza, Olimpia Maluf-Souza, João Carlos Cattelan e Rita das Graças Felix Fortes, pelas contribuições ao trabalho.

A minha esposa, por seu eterno apoio e companheirismo, presente em todos os momentos de minha vida.

Aos meus pais, irmã e familiares, os quais estão ao meu lado, me fortificam e respaldam minhas escolhas.

A todos os amigos que dividiram esse momento de minha vida.

Aos meus alunos, que tanto me estimam.

Aos amigos professores que trabalham comigo.

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como um javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
[...]

Carlos Drummond de Andrade

VERSA, Cezar Roberto. **Duas sendas do discurso psicótico em *O dia em que matei meu pai: esse silêncio... Você ainda está aí?*** 2017. 91p. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

RESUMO

O presente trabalho produz a Análise do Discurso de uma obra literária, entendida como o relato de um homem que alega ter matado o pai. O romance *O dia em que matei meu pai*, de Mario Sabino, constitui o *corpus* textual para a análise discursiva. A metodologia e base teórica dessa análise se filiam à escola francesa da Análise de Discurso, baseada nos pressupostos conceituais de Michel Pêcheux. Nessa acepção, a opacidade da língua, o assujeitamento dos sujeitos e a clivagem do inconsciente interpelam os sujeitos por meio de discursos. O discurso da loucura será visto a partir de FD da racionalidade e da FD da loucura, entendida como uma desrazão, em que os efeitos de sentido vão sendo construídos nesse jogo dual de razão e desrazão, de lógica e ilógica, de forma antinômica. Entendida essa dualidade, o processo analítico se desenvolveu por meio de duas sendas analíticas distintas. Na primeira, analisou-se o discurso paranoico de um homem que cometeu o assassinato do pai e cumpre medida de segurança, o qual tenta racionalizar a todo momento os motivos que levaram a tal ato, embora seja considerado incapaz, por isso, inimputável. Na segunda senda, o discurso paranoico é de um homem que dentro de sua lógica de forclusão constitui sua racionalidade para a materialização desse fato, de matar o pai, em nível de seu discurso psicótico, num movimento de descompensação, em que lhe falta a função paterna, a qual elimina com o assassinato desse mesmo pai. Para a composição desses quadros analíticos, utilizou-se de teorias como a criminologia e a psicanálise, tomando como referências FD técnico-científicas do direito e da medicina. Percebeu-se a complexidade de definição da racionalidade no discurso psicótico, a qual aconteceu devido ao advento da psicanálise. A loucura como falta de razão se efetua nas mais variadas FD, contudo entender como a lógica existe no discurso psicótico possibilita uma leitura diferenciada desse fenômeno, graças aos conceitos basilares das teorias de Freud e Lacan. O grande desafio dos dois caminhos analíticos desses discursos paranoicos que tomamos foi o de perceber que tanto a condição de produção de alguém que mata o pai, num parricídio materializado, quanto a de um sujeito que o faz no nível de sua paranoia, se constituíram no ideal de realidade em níveis da FD da racionalidade, embora estejam intrínsecos a discursos psicóticos por excelência.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso, psicanálise, discurso psicótico.

VERSA, Cezar Roberto. **Two paths of psychotic discourse in *The day I killed my father: that silence... Are you still there?*** 2017. 91p. Thesis (PhD in Arts) – Western Paraná State University, Cascavel, 2017.

ABSTRACT

The present term paper produces the Discourse Analysis of a literary work, it was understood like the report of a man who claims to have killed the father. The novel *The day I killed my father*, by Mario Sabino, constitutes the textual corpus for discursive analysis. The methodology and theoretical basis of this analysis are based on the French School of Discourse Analysis, based on the conceptual assumptions by Michel Pêcheux. In this sense, the opacity of the language, the subjection of the subjects and the cleavage of the unconscious, they transverse the people through discourses. The discourse of madness will be seen from DF (Discourse Formation) of rationality and DF of madness, it was understood as an unreason, in which the effects of meaning are being constructed in this dual game of reason and unreason, of logic and illogical, antinomically way. It was understood this duality, the analytic process developed through two distinct analytical paths. In the first one, the paranoid discourse of a man who committed the murder of the father and he serves a sentence of security measures, this man tries to rationalize at all times the reasons that led to such an act, although it is considered incapable, therefore, in imputable. In the second path, the paranoid discourse is from a man who, within his logic of foreclosure, he constitutes his rationality for the materialization of this fact, of killing the father, at the level of his psychotic discourse, in a movement of decomposition, in which he lacks the paternal function, which eliminates with the murder of this same father. For the composition of these analytical frameworks, theories have been used as criminology and psychoanalysis, taking technical and scientific DF references to law and medicine. The complexity of the definition of rationality in the psychotic discourse was perceived, which happened due to the advent of psychoanalysis. Madness as lack of reason takes place in the most varied DF, yet understanding how logic exists in psychotic discourse enables a differentiated reading of this phenomenon, thanks to the basic concepts of the theories by Freud and Lacan. The great challenge of the two analytical paths of these paranoid discourses we took was to realize that both the condition of production of one who kills the father, in a materialized parricide, and that of a person who does so in the level of his paranoia, these discourses were in ideal of reality at DF levels of rationality, although they are intrinsic to psychotic discourses par excellence.

KEYWORDS: Discourse analysis, psychoanalysis, psychotic discourse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 ANÁLISE DO DISCURSO, LITERATURA COMO <i>CORPUS</i> E OS DISCURSOS DA LOUCURA.....	12
2 DISCURSOS CLAROS E CINZAS, SÓ ESCURIDÃO.....	28
3 SENDA DA PRISÃO, UM HOMEM QUE MATOU O PAI, MAS NÃO SUA ANGÚSTIA ESPECULAR.....	46
4 SENDA DA LIBERTAÇÃO, UM HOMEM QUE MATOU O PAI NA SUA LÓGICA FORACLÚIDA DO NOME-DO-PAI.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	87

INTRODUÇÃO

O trabalho a ser desvelado é uma análise discursiva de um homem que conta que matou o pai e tenta justificar tal ato. O diferencial e grande desafio é o desse relato se encontrar numa obra literária, em um romance. Conflitos teóricos se postularam diante de uma insólita combinação e barreira a ser perpassada, o sujeito produtor dessa tese precisou rever seu modo *operandis*, não mais o de crítico literário, e sim, de um analista do discurso. Por óbvio, esse movimento não foi fácil, uma vez que somos sempre atravessados por nossos discursos, ideologias e um inconsciente, sempre ali, ativo e 'abusado'.

Primeiro passo a ser tomado, é observarmos, que por mais que a literatura trabalhe com o ficcional, as condições de produção de um discurso podem sim ser pensadas, quando destituímos o caráter da autoria, vista numa acepção de subjetividade cara ao Romantismo, como destacada por Possenti (2009). Contudo, apenas esse argumento não traria à baila o porquê de se pensar a possibilidade de uma análise do discurso dentro de um texto literário. Nesse ponto, reside a importância de destacarmos os motivos da obra *O dia em que matei meu pai* ter nos levado a esse campo teórico e analítico da AD de linha francesa.

O título, bem sugestivo quanto ao caráter edipiano, fortaleceu-se quando o processo do relato de alguém na posição de sujeito-louco, o protagonista da obra, começou a estabelecer relações com o discurso psicanalítico e com a teoria do discurso jurídico da forma sujeito de direito, tão cara aos estudos de linha marxista de entendimento quanto ao Estado dito moderno. Isto é, diante de nós despontou a possibilidade de analisarmos discursos transversos e fundantes da própria AD, quando pensamos na psicanálise lacaniana e nos estudos de Althusser, dentro de uma acepção materialista dialética.

O efeito de sentido do discurso psicótico é o fio analítico a ser seguido, deslocando suas composições em variadas Formações Discursivas (FD), como as do discurso da racionalidade e da logicidade, nas perspectivas cartesiana, iluminista e positivista; do discurso religioso, baseadas nos valores morais do cristianismo; do discurso científico da FD do direito, na diferenciação de crime e medida de segurança; e da FD da medicina, na validação de laudos de demência.

O acontecimento e a estrutura do discurso psicótico encontrado no relato da obra podem ser vistos sob duas condições de produção diferenciadas,

possibilitando-nos compor duas sendas analíticas ao deslocar as relações de efeito de sentido. Em um primeiro caminho, vamos pensar em um sujeito que efetivamente tenha matado o pai e que se encontre cumprindo uma medida de segurança, já que considerado louco não pode ir a uma prisão dita comum. Na segunda trilha discursiva, temos um homem internado em um manicômio passando por sessões de análise, construindo seu discurso paranoico, fundando seus discursos numa lógica de foraclusão, na perspectiva lacaniana.

Nos dois casos, um sujeito se enuncia a um analista, contudo ao se pensar a morte do pai como algo materializado ou não, há um desliz de sentidos conceitual tanto ao que tange aos estudos da criminologia quanto aos estudos da psicanálise. O simbólico da morte do pai foi um dos temas fundadores da psicanálise quanto ao seu próprio critério de cientificidade, tão discutido por Freud e Lacan, em suas conceituações relacionadas ao Mito de Édipo.

Para compor uma análise das sendas discursivas desse pai morto, de fato ou materializado numa lógica delirante de um discurso paranoico, o presente trabalho se divide em quatro capítulos. A ideia de tal divisão é a de se adentrar no campo da AD e sua possibilidade em relação ao discurso literário e compor reflexões de sentido sobre o conceito da loucura em determinadas FDs que as legitimam. A análise vai se centrar sobre duas égides quanto ao significado da morte do pai diante de discursos paranoicos: na lógica de um parricida, o qual assassinou o pai e explica suas motivações 'racionais' para isso; e a de um sujeito que não é parricida, mas que se entende como um dentro de uma lógica construída em seu discurso psicótico.

No primeiro capítulo, lançam-se as bases epistemológicas e teóricas da AD, tomando uma Sequência Discursiva (SD) para um primeiro processo analítico. Direcionam-se ainda as veredas propostas e a possibilidade da AD tomar o texto literário como um *corpus* cabível de ser analisado.

No segundo capítulo, reflete-se acerca da relação antinômica constituída nos desliz de FD do discurso da logicidade e racionalidade e de FD do discurso da loucura, quando entendidos como opostos. Pensa-se a análise das SD no nível de relato a uma pessoa especializada, como um analista, sem necessariamente, pensarmos a relação com a materialidade ou não de um crime de parricídio. Condições de produção que serão levadas em conta nos capítulos três e quatro.

No terceiro capítulo, a condição de produção do discurso é a de alguém que matou o pai e é um réu confesso. Pensada essa atitude na sua materialidade, o discurso assumirá uma condição em que o simbólico não se desfez perante o ato. O conflito da clivagem desse sujeito será construído em efeitos de sentido da ruptura e negação perante a condição de sua loucura. Os discursos científicos das FD da medicina darão respaldo para a sua inserção nas FD do direito, movimento este que deve ser visto com muita atenção perante a construção histórica da FI do louco-alienado.

No quarto capítulo, o foco da análise se dá no nível do discurso psicanalítico a partir do conceito da forclusão, em que o ato de matar o pai está no nível da alucinação, de uma paranoia. Na alienação, na lógica do inconsciente ocorrerá uma quebra nas FD do discurso da logicidade e racionalidade, que merece cautela quanto aos entendimentos possíveis. Uma vez que há razão no discurso da loucura, o qual não se postularia como uma desrazão.

Pretendemos demonstrar como o discurso da loucura é interpelado por diversas condições de produção, as quais produzem efeitos de sentido variados. Conflitos conceituais demarcam posições ideológicas, como o caso do conflito do discurso médico e do discurso jurídico, ao se aproximarem e distanciarem quanto aos entendimentos do louco.

Nosso *corpus*, por advir do campo literário, nos fez promover um deslocamento de perspectiva analítica, em que o conceito de autoria não foi levado em conta, mas sim, o de condição de produção de um discurso. Tal desafio nos possibilitou, a partir de um mesmo texto, demonstrar dois níveis diferentes de discursos. Isto é, perceber não o texto em si, mas o discurso enquanto estrutura e acontecimento a partir de condições de produção distintas.

O acontecimento discursivo das duas sendas desloca uma série de efeitos de sentidos. É sobre esses efeitos de sentido que a análise discursiva em questão se insere e promove deslocamentos contrastivos.

Enquanto você
Se esforça pra ser
Um sujeito normal
E fazer tudo igual
Eu do meu lado
Aprendendo a ser louco
Um maluco total
Na loucura real
Raul Seixas

A loucura é vizinha da mais cruel sensatez.
Engulo a loucura porque ela me alucina calmamente.
Clarice Lispector

1 ANÁLISE DO DISCURSO, LITERATURA COMO *CORPUS* E OS DISCURSOS DA LOUCURA

A Análise do Discurso de linha francesa, doravante AD, advém de questionamentos da própria significação do conhecimento científico em relação à linguagem. Ao fazê-lo coincidiram sobre sua origem, arcabouços teóricos distintos e até então incomunicáveis, como o materialismo histórico e a psicanálise.

Cabe destacar, que a AD surgiu no contexto de uma linguística estrutural, já que na França, nos anos de 1960, havia uma tradição de se estudar o texto por meio de reflexões acerca da história. Nos anos de 1970, no cenário da linguística francesa, havia o entendimento de que a análise de discurso se perfaria como uma saída para repensar a própria ciência da linguagem, por meio da inserção de conceitos como a ideologia, o sujeito e o discurso.

A gênese da AD se estabeleceu em dois nomes: Jean Dubois e Michel Pêcheux, os quais foram influenciados pelo distribucionalismo de Harris, que trazia uma abordagem da escola americana estruturalista. Harris trabalha a partir do sintagma 'análise do discurso', descartava a questão do sujeito e rejeitava a questão do sentido fora da linguística (MAZIÈRE, 2007).

Por um encontro singular, no qual é difícil não ver um efeito da conjuntura, no momento em que Michel Pêcheux colocava sua análise automática do discurso, o lingüista Jean Dubois abria pesquisas interdisciplinares em torno do discurso político. Logo a análise de discurso designava o objeto dessa dupla fundação (MALDIDIER, 2003, p.36).

Dubois era um linguista e lexicólogo já consagrado e Pêcheux, um filósofo que pautava seus estudos nos questionamentos da história das ciências que, por

mais diferentes que fossem suas ambiências de atuações, acabavam por atuar em um espaço comum: a política e o marxismo.

Em Dubois, a AD possibilitaria a transição de um estudo do léxico para o do discurso, baseado este nos enunciados, por uma transposição natural. De acordo com Mazière (2007, p.31), “Por meio de um verdadeiro golpe de força, ao transportar para a linguística estrutural o objeto *discurso*, Dubois vai possibilitar a abertura de uma nova região na disciplina ‘linguística’”.

Já em Pêcheux, “ao contrário, a análise de discurso é pensada como uma ruptura epistemológica em relação ao que se fazia nas ciências humanas, articulando a questão do discurso com as do sujeito e da ideologia” (BRANDÃO, 2003, p.5).

Maldidier (2003) assevera que é em Pêcheux que ocorre a demarcação dos conceitos utilizados seja por linguistas ou historiadores marxistas para a análise de discursos. Uma série de rupturas quanto ao entendimento da articulação da língua, ideologia e discurso se processaram dando os contornos futuros à teoria.

As maiores quebras em relação à linguística se deram à dicotomia saussureana da *langue* e da *parole*, pois o discurso não encerraria seu posicionamento nem em um nem outro processo dessa dicotomia. Mesmo a questão da diacronia e da sincronia não dariam conta do processo de formações ideológicas e discursivas acontecidas em determinado momento histórico por um determinado sujeito que se entendia centralizador, mas que não tinha noção de seu assujeitamento frente aos momentos vividos.

A AD é considerada, assim, uma teoria de ruptura, o resultado de uma série de reflexões filosóficas e epistemológicas, construídas a partir de críticas ao realismo metafísico platônico e do empirismo lógico aristotélico, cujas representações de sentido se efetivam na dualidade lógica e retórica, em que a primeira ressoa em relação à segunda. O materialismo foi a alternativa viável para a saída dos idealismos tanto de Platão quanto de Aristóteles, atrelado ainda aos estudos da psicanálise.

É necessário destacar que a cientificidade da AD tem seu vínculo à linguística, e que a formação de sua comutação teórica se efetiva via materialismo althusseriano e a psicanálise lacaniana. Possenti (2005, p.357) destaca que “A AD pode tratar cada um desses ‘temas’ – mas os trará rompendo com o que a linguística faz com cada um deles”.

Em relação às teorias filosóficas idealistas, o ideário de que a consciência cria a existência se torna o ponto de contradição aos entendimentos da AD, pois o sujeito teria em si a aura de criação, é ele que sabe, cria, domina os objetos. No cruzamento teórico das bases da AD, pode-se perceber que o sujeito detentor de sentidos é desconstruído.

São três regiões do conhecimento que apontam para essa reconfiguração: o marxismo, que afirma a não transparência da história, a psicanálise, que “escuta” a não transparência do sujeito, e a lingüística, que se constitui na não transparência da língua. O que acarreta imediatamente dois deslocamentos paralelos: o do sentido e o da própria língua, posta essa relação com a história. A Análise do Discurso é a forma de conhecimento que se realiza em seu objeto – o discurso – pela conjunção desses três modos de opacidade: a do sujeito, a da língua e a da história (ORLANDI, 2002, p.65).

Por isso, um dos principais cismas da AD é a desconstrução de um sujeito que tenha domínio sobre o sentido e a língua deixa de ser vista como algo transparente, já que as condições de produção do que é dito desloca os próprios sentidos do dito e do não dito. Logo, a língua não é transparente, nem o sujeito é exterior a ela:

O ‘desdobramento’ do sujeito – como ‘tomada de consciência’ de seus ‘objetos’ – é uma reduplicação da identificação, precisamente na medida em que ele designa o engodo dessa impossível construção da exterioridade no próprio interior do sujeito (PÊCHEUX, 1997, p.172).

Discursivamente, é no sujeito que a língua acontece no homem, o qual não se destitui de suas ideologias nem de seu inconsciente. Sendo que ocorre, na clivagem do inconsciente e na interpelação ideológica do indivíduo, a constituição de um sujeito assujeitado e demarcado pelos deslizes de sentido construídos em seus discursos.

Faz-se mister destacar que não se pretende por meio da AD polarizar uma relação entre língua e discurso, como na relação dicotômica de *Langue* e *Parole*, de Saussure. Na acepção estruturalista, a língua era entendida dentro de um sistema fechado em si mesmo, não pensada sua relação como o mundo.

Saussure (2006) apresentava a língua como algo do social e exterior aos indivíduos, e a fala seu processo de ocorrência. A língua seria uma instituição social

distinta, vista numa perspectiva separada de outras instituições como da política e da jurídica, por exemplo. A língua era vista no nível social e a fala no nível individual. Para Pêcheux (1993, p.71), residia nesse ponto a homogeneização de seu estatuto científico:

Assim a língua é pensada por Saussure como um objeto científico homogêneo (pertencente à região do “semiológico”), cuja especificidade se estabelece sobre duas exclusões teóricas:
 - a exclusão da *fala* no inacessível da ciência lingüística;
 - a exclusão das *instituições “não-semiológicas”* para fora da zona de pertinência da ciência lingüística (PÊCHEUX, 1993, p.71).

Essa forma de entender a relação língua e fala, sob a ótica de Pêcheux (1993), resultou no triunfo da ideia de um sujeito falante, que traz sua subjetividade em ato, o qual parece declarar sua autonomia quanto às intenções. A língua tornou-se, na perspectiva da linguística estrutural científica, um caminho da liberdade humana, em relação à subjetividade.

Já para a AD, é na língua que se constitui um processo de não-transparência, de uma opacidade, a qual desloca os sentidos e entra em interfaces e ruptura constantes com a história e com o sujeito, os quais também se operam num movimento de não-transparência (ORLANDI, 2002). A língua não se torna uma estrutura apenas, mas também um acontecimento demarcado por uma série de condições de produção.

É nesse espaço que o discurso se efetiva, na plasticidade da língua quanto aos deslizamentos de sentido. As ideologias materializam-se nos discursos, de tal modo que o próprio discurso se materializa na língua. “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2008, p.53).

Essa relação do outro constitutivo dos sentidos é uma interface teórica que a AD atravessa a teoria lacaniana, além da interpelação ideológica, vinda de processos históricos do assujeitamento, há sempre um outro, advindo do inconsciente, por meio do discurso: “Freud chamou aquele Outro lugar de inconsciente, e Lacan afirma em termos categóricos que ‘o inconsciente é o discurso do outro’, isto é, o inconsciente consiste naquelas palavras que surgem de algum outro lugar que não a fala do eu” (FINK, 1998, p.20). Para a AD, esse eu consciente não é possível, já que é assujeitado. Esse sujeito acaba por se clivar na sua própria

representação por meio da linguagem, em que Lacan destaca ao compor o inconsciente como o discurso do outro, fato que não passou despercebido por Pêcheux (1997).

Por isso, a estrutura da língua e seu acontecimento demarcam o discurso como objeto analítico. Os efeitos de sentido possibilitados no contexto de produção se estabelecem numa flutuação de significações, as quais dependerão dos modos de interpelação ideológica e da leitura interpretativa dos atos falhos do inconsciente por meio da linguagem.

Já no início das aplicações de uma teoria da AD como instrumento analítico, alguns tipos de discursos apareceram como objeto de forma mais reiterada. O discurso político foi uma constante, pois os atravessamentos ideológicos possíveis de serem percebidos eram os mais variados. Outra ênfase, ainda uma muito forte na atualidade, diz respeito aos discursos midiáticos, isto é, o texto jornalístico apresenta-se como um objeto muito singular, pois é atravessado por ideologias e tem em suas condições de produção caracteres políticos.

Orlandi (2004), por sua vez, pesquisadora da AD no Brasil, buscou em outros discursos, como o presente na arquitetura urbana, os efeitos de sentido que podem ser extrapolados nesse contexto. Onde for possível estabelecer linguagem será possível ler as formações ideológicas e discursivas presentes, por isso, a AD se abre como um dispositivo analítico e teórico com variadas possibilidades de aplicação.

Orlandi (2004) destaca que a relação dos sentidos com a interpretação é um processo constante, já que não haveria sentido sem a interpretação e de que esta dependerá do ponto de vista de quem interpreta, em que sujeitos de linguagem e analistas muitas vezes divergem quanto ao sentido. A partir disso, define a finalidade da análise do discurso não na interpretação, mas sim no processo de compreensão do funcionamento textual, de como um texto produz sentidos.

Nesta direção, penso, pode-se defender a ideia de que o árbitro definitivo da leitura é o texto, desde que o texto seja concebido discursivamente, ou seja, seja tomado como submetido a todas as restrições históricas que normalmente o afetam, e que afetam, portanto, seu autor e seu(s) leitor(es), submetendo-os tanto às regras de circulação quanto de interpretação (POSSENTI, 2009, p.19).

Ressalta-se que o *corpus* da AD é o texto, entendido não numa leitura textual, mas sim, numa leitura discursiva, quanto as suas condições de produção. As

palavras são interpretadas dentro de FD e dos processos de interpelação sofridos pelos sujeitos. A opacidade da língua, o assujeitamento dos sujeitos interpelados por ideologias e clivados em consciente e inconsciente possibilita a análise do texto enquanto estrutura (questão linguística) e acontecimento (questões ideológicas e do nível do inconsciente).

A literatura, pensada como um texto subjetivo, de composição intencional, como entende a pragmática, não poderia ser um objeto cabível à AD. Contudo, quando falamos em discurso literário, podemos pensá-lo sob determinadas condições de produção. Ademais, há aquilo que foge dessa intenção do autor, os efeitos de sentido, o inconsciente que fala através da literatura. Possenti (2009) ressalta na questão do desvelamento institucional uma tendência dentro de uma análise do discurso em textos ditos subjetivos, como é o caso do discurso literário.

Fernandes (2009) destaca que a análise do discurso pode ser feita no texto literário se pensado as personagens como sujeitos discursivos. “[...] mesmo em produções literárias que trazem marcas de passionalidade, ou versam sobre sentimentalismo, a subjetividade é histórica e exteriormente modificada” (FERNANDES, 2009, p.13).

O romance *O dia em que matei meu pai*, de Mario Sabino, de 2004, apresenta uma possibilidade dual de análise do discurso ao deslocarmos os efeitos de sentido para duas hipóteses quanto à condição de produção. Uma primeira perspectiva é a de se tomar o texto como o depoimento de um sujeito preso em uma instituição para pessoas com problemas mentais, passando por sessões de avaliação de seu estado psíquico e que cumprem medida de segurança. A segunda é a de entender o relato como um discurso de um psicótico, com efeitos de sentido baseados numa lógica de forclusão, o qual se encontra internado em um hospital psiquiátrico e que passa por sessões de análise.

O livro apresenta como foco narrativo a primeira pessoa, conferindo-lhe o caráter de relato, o qual apresentará efeitos de sentidos diferentes quando deslocado quanto ao assassinato ou não do pai. Caso seja um homem cumprindo medida de segurança, houve um crime, contudo por ser considerado incapaz dentro de um discurso científico da FD da medicina, não pode sofrer a sanção punitiva do Estado, nos moldes tradicionais, num discurso também científico da FD do direito. A outra possibilidade é de que esse homem não tenha matado o pai, mas sim, de que devido ao nível de sua psicose, o discurso modalize essa ação, como poderemos

ver inclusive nas palavras e expressões de seu inconsciente, de efeitos metafóricos constantes, conforme a inscrição em FD distintas.

Possenti (2009) destaca a AD como uma das melhores estratégias de leitura e que no texto tradicionalmente visto como subjetivo é possível compor um projeto de revelar seus critérios institucionais. Por isso, é possível tomar esse relato em nível de sua materialidade discursiva, como faríamos com o relato encontrado nos autos de um julgamento, depoimentos encontrados em prontuários médicos, ou ainda, de um relato em uma sessão de análise. Isto é, a institucionalização dessas práticas discursivas em FD distintas como as dos discursos médico, jurídico, religioso compõem um quadro analítico complexo.

Para perceber os efeitos de sentido perante essas composições analíticas, serão usadas Sequências Discursivas (doravante SD), tendo no texto, em sua materialidade linguística, o *corpus* de referência analítica, entendido o discurso como estrutura e acontecimento, não se adentrando em caracteres de análise literária:

Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso (PÊCHEUX, 2008, p.53)

O discurso será analisado por meio de sua materialidade linguística, uma vez que a língua é opaca, materializa-se e apresenta as clivagens do sujeito que se entende como dono dos sentidos. Para tanto, esse indivíduo será entendido em seu processo de interpelação ideológica, tornando um sujeito assujeitado a condições de produções demarcadas no discurso e dentro de cada Formação Discursiva (doravante FD). Por FD, entendamos “aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, 1997, p.160).

Por meio de Formações Ideológicas (doravante FI) é que se estabelecem o sentido das palavras a partir de um jogo de posições ideológicas. Nessa conceituação, a transparência da linguagem é revista, já que as palavras e expressões “*mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas*” (PÊCHEUX, 1997, p.160).

Entendida a língua, a história e o sujeito em sua opacidade, caberá compreender as SD encontradas no romance *O dia em que matei meu pai* numa condição de produção específica, a de um relato, de alguém que se encontra preso em uma penitenciária destinada a pessoas com incapacidade mental, ou ainda a de um relato paranoico de alguém que está internado e passa por uma sessão de análise.

Logo, no início do relato, temos a seguinte SD:

(SD1) O dia que matei meu pai era um dia claro, de uma claridade difusa, sem sombras, sem relevos. Ou talvez tenha sido cinzento, daquele cinza que tinge até as almas menos propensas à melancolia. É estranho que esse seja o único detalhe que não me lembre, todos estão ainda bem vívidos dentro de mim. E que importa? A moldura, ela foi só isso – moldura (SABINO, 2009, p.9).

Um filho matar um pai demonstra uma FD marcada por uma série de efeitos de sentidos: do pecado, do proibido, da quebra de um valor sagrado, se pensados esses discursos dentro de uma moral social e de uma moral cristã.

Estamos chamando de Moral Social a todo o discurso que regula a sociedade por uma ordem que remonta o conceito de certo e errado, de bom e mal, de direito e dever que, em última instância, assegura a segurança e a ordem social. O discurso da moral social tem a fundação dos seus sentidos no Discurso da Moral Religiosa (MALUF-SOUZA, 2000, p.23).

O assassinato já indica um ato indevido, perante as mais variadas ideologias religiosas, fato destacado nas FD do cristianismo, condizendo a uma prática incabível quando se trata de um assassinato de um pai, o qual atinge situações próprias aos discursos de uma sociedade patriarcal ocidental, cuja instituição familiar é centralizadora de significados. Payer (2005) destaca que na Idade Média a Igreja é quem determinava o que era certo aos indivíduos que deveriam seguir as leis divinas. Esses ideais se efetivam na FD cristã até hoje, embora a legitimação das leis hoje se deva ao Estado. Isto é, na Idade Média, o homem é determinado pelo discurso religioso e, que a partir da Revolução Francesa, as leis próprias ao Estado são as quais tornam indivíduos esses homens, ditos cidadãos. A lei vinculada ao Estado tem o mesmo efeito que o discurso religioso tinha da Idade Média.

Visto como pecado o ato de matar o pai evoca o sentido de rompimento com o sagrado, caindo na ideia de um discurso do profano, aquilo que, dentro da FD religiosa, como as demarcadas na ideologia cristã, é inaceitável se pensadas as condições de um sujeito “mentalmente estável”. Na obra humanista de Gil Vicente (1997), *O auto da barca do inferno*, apenas os cavaleiros das cruzadas e Joanes, o parvo são salvos do inferno, por conta de suas ações. Isto é, o louco pode ser visto no discurso da ignorância, pureza e inocência, caso de Joanes. Mesmo assim, matar o pai, por conta de um estado demente, numa FI cristã, incorre num processo de algo profano.

Conseqüentemente, podemos dizer que o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (ORLANDI, 2007, p.42-43).

Em épocas cuja lei de sangue imperava, matar o pai era símbolo de fortaleza, num princípio de continuação de horda e legado nas tribos germânicas. Visto tal fato numa perspectiva da FD cristã, o ato tornou-se inaceitável. Logo, em FD distintas, os sentidos se deslocam, dependendo de como o processo sócio-histórico foi constituído. O que era visto como pecado em uma época, necessariamente não o é em outra.

Os efeitos de sentido possíveis no conceito de loucura são grandes exemplos dessa mudança de significados, quando pensadas FI diversas. O louco da contemporaneidade, no mundo ocidental, já foi o herói do passado, quando pensado, por exemplo, épocas como a das Cruzadas. Essa mesma situação no mundo oriental ainda carrega o valor de heróis, pensado o discurso dos radicais islâmicos. Aos olhos do mundo ocidental, esses “radicais” são loucos e na FI de muitas pessoas do mundo oriental, heróis do mais alto valor.

A FD cristã da época das Cruzadas via no homem que matava infiéis, um herói, não levando em conta se essa pessoa fizesse esse ato com requinte de crueldade, até por que isto não estava colocando em pauta nos efeitos de sentido do discurso da época. Como anteriormente mencionado, na obra *Auto da barca do inferno*, escrita no final da Idade Média, os cavaleiros das cruzadas foram salvos,

mesmo tendo matado muitas pessoas. Se hoje, alguns desses cavalheiros fossem levados ao júri, alguns sofreriam medida de segurança, pois seriam considerados loucos no discurso científico das FD da medicina.

Voltando à SD1, os itens lexicais nos levam a várias veredas analíticas quanto aos efeitos de sentido dessa loucura. O *dia claro* pode apresentar a imagem de algo explícito ou esclarecedor, 'claro' pode ser o contrário de 'escuro' ou alguma coisa que era impossibilitada de percepção e passa a ter. Matar o pai em um dia claro poderia demonstrar a certeza de tomada de decisão, uma vez que o efeito de sentido tenderia a noção de algo esclarecedor, contudo, a claridade é difusa.

O conceito de difusão, na química, quando se pensa em luz, traz tanto a ideia de reflexo quanto a de transmissão. Essa claridade difusa é o reflexo ou a própria transmissão da luz por meio de um vidro. Matar o pai trouxe essa claridade difusa, de um reflexo de quem matou ou ainda de um processo contínuo, de transmissão, já que é *sem sombras e sem relevos*.

Quando se pensa em *sem sombras*, há o efeito de sentido como o de algo que quer indicar a não existência que algo que persegue e sempre está junto, as sombras, nesse caso podendo ser o passado. Ou ainda, um inconsciente demonstrando sua angústia e a sua impossibilidade de apagar marcas do passado. Se há luz, há sombra. Se há luz, é claro. Mas se é claro, não deveria necessariamente, ser difuso. Reforça-se ainda ser *sem relevos*, o que é demarcado, que se sente por meio do tato, logo se pega. Tem-se a materialização dessas sombras do inconsciente, as quais, numa acepção psicanalítica seriam as luzes desse sujeito assujeitado a sua própria loucura.

Há, nesse primeiro momento, uma FD do discurso da logicidade e racionalidade, que reforça o efeito de sentido do discurso de segurança do ato efetivado, o assassinato do pai, tudo claro, certo e difuso. O ato de matar o pai tem que ser justificado como algo lógico e racional, em que o uso de palavras como 'claro' dentro dessa FD demarcam essa racionalidade.

Por discurso da logicidade e da racionalidade, vamos entender um discurso construído num movimento histórico que tem seu início na tradição cartesiana, do *cogito*, do penso logo existo, num discurso dedutivo, lógico e matemático. Passa pela concepção contratualista do Iluminismo, que reforçou e deu voz a uma subjetividade, demarcada no lema da revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Alcançando o ápice da racionalização com o método positivista de

Comte. Em todos esses momentos, há um sujeito que pensa dominar seus sentidos, em Descartes, só existo porque penso; em Rousseau, eu existo, e isso deve ser levado em conta; em Comte, eu posso construir métodos que objetivam as coisas, o homem no domínio técnico de seus instrumentos.

O uso de sinônimas para 'claro' dentro dessa FD do discurso da logicidade e da racionalidade efetiva o processo discursivo de reiteração, como argumento de defesa perante o ato de matar o pai. Para Pêcheux (1997, p.161), o processo discursivo designa "o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinônimas, etc., que funcionam entre elementos linguísticos – 'significantes' – em uma formação discursiva dada". Quer dizer que o uso de uma palavra ou da repetição de palavras com significados próximos necessariamente não signifique a mesma coisa, mesmo que estas palavras estejam dentro de uma mesma FD ou pertença à outra. Por exemplo, o 'claro' na FD da loucura pode ser justamente o sombrio, o estado de névoa, sem visibilidade, de tom soturno e na FD da logicidade, o ato certo de decisão de assassinato do pai.

As FD do discurso da loucura estariam no discurso contemporâneo baseadas num movimento de antítese às FD do discurso da logicidade e racionalidade, uma vez que o louco ao ser visto como diferente deve encarnar caracteres distintos daqueles ditos normais. Várias áreas científicas, em especial, a psicanálise, desconstroem tal ideário. A crítica se dá à psicose vista como meramente uma perda de razão a ser tratada em nível de hospitais psiquiátricos, embora no começo da própria psicanálise esse fato tenha acontecido.

Se o conceito de neurose é parte integrante do vocabulário da psicanálise, o da psicose aparece, a princípio, como um anexo proveniente do saber psiquiátrico e adequado a uma medicina manicomial, pautada numa concepção do sujeito que se organiza em torno da idéia de alienação e perda da razão (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.621).

A partir, principalmente dos estudos de Freud e Lacan, a psicose deixará de ser vista como uma desrazão e a ser estudada quanto a processos lógicos, isto é, haveria razão na loucura. No discurso moralmente aceito, o louco continua sendo jogado à margem, tanto que o Estado, por meio da medida de segurança, retira o louco do convívio social a fim de garantir a segurança e o bem-estar de todos os

outros, os não-loucos, os normais. Essa alienação do sujeito é baseada em termos de exclusão, os laudos que atestam essa ‘desrazão’, isto é, ‘loucura’, compõem-se:

na interpelação histórico-ideológica que os instam a funcionarem inscritos nos sentidos que instituíram a necessidade de instalar a classe médica (psicólogos e psiquiatras) para ‘humanizar’ a pena para o homem que não pode ser responsabilizado; no silenciamento do crime e na exaltação da loucura como lugar de interdição e de exclusão do convívio e da produtividade – regras ditadas pela sociedade disciplinar – [...] (MALUF-SOUZA, 2000, p.32).

Em seguida, nessa mesma SD1, tem-se: *Ou talvez tenha sido cinzento, daquele cinza que tinge até as almas menos propensas à melancolia*. A denominação ‘talvez’ expressa uma dúvida, a qual tem seu efeito de sentido reforçado por ‘cinzento’ e ‘cinza’. Os efeitos de sentido possibilitados nessa contradição de claro e escuro, e do surgimento de uma relação com o ‘cinza’ são possíveis principalmente quando pensada a conjuntura do discurso de um homem com demência mental, isto é, de uma FD da loucura.

O ‘cinza’ efetiva-se tanto na FD da racionalidade quanto na FD da loucura como um processo de interpelação de interdiscurso no que se refere à discursividade, num processo dual do real da língua e do real da história. ‘Cinza’ é um já-dito constituindo de referências discursivas de uma cor que demarca tristeza, angústia e até mesmo demência.

O discurso é naturalmente um interdiscurso, pois a forma-sujeito entendida como matriz de sentidos é uma ilusão. Podemos alegar a existência de pré-construídos, como elementos que preenchem argumentos do que já é dito em dada FD. Isto se deve, em especial, ao que se denomina memória discursiva, com a repetição do já-dito. Por isso, o interdiscurso pode ser entendido como a importação de um termo de uma FD e sua tradução metafórica para uma outra FD.

Se pensarmos o interdiscurso do ‘cinza’ quanto aos deslizamentos de efeitos de sentidos, podemos tomá-lo em relação à cor branca e a cor preta. O branco é o começo, preto é o fim e cinza é o meio indefinido, nem uma coisa nem outra, dissolução de certezas. Cinza é tido como a ausência de sentimentos. Cor do tédio, do antiquado e da crueldade.

Para Chevalier e Gheerbrant (1986), o branco e o negro são cores absolutas e marcadas em sua contrariedade. Nos sentidos, estabelecem-se nas relações de

dia e noite, nascimento e morte, indicando passagens nos rituais das diversas culturas. A cor preta se constitui na ideia do caos original de uma gênese universal e o branco como um silêncio constitutivo de um espaço não vazio.

Na natureza, o tempo nublado é cinzento. Na SD1, o cinzento, cinza está ligado à melancolia, fato de reforço de um interdiscurso baseado na tristeza profunda, melancólica ou de algo que não está totalmente claro. Tanto numa FD do discurso racionalizante quanto na do discurso da loucura, esse efeito é demarcado no funcionamento da discursividade, numa FD racionalizante pode ser a tristeza em si e, na FD da loucura, o deslize para aquilo que não se vê.

Nessa perspectiva, o interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é *porque* os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e deslocar historicamente (PÊCHEUX, 2012, p.158).

O 'cinza' é tomado em seu efeito metafórico e é entendido como uma cor sem força, pois o branco delineado como sublime está sujo, manchado e o preto perde sua aura de força e toma o sentido de enfraquecimento. O 'cinza' é considerado débil para ser masculino e ameaçador para ser feminino, não é quente nem frio, não é nem material nem metal, carregando um estado de vacância, considerado por isso uma cor sem caráter (HELLER, 2013).

Nesse sentido, o contexto em que o interdiscurso do 'cinza' como algo vago reforça os efeitos de sentido da FD do discurso da loucura, pois mesmo que a forma-sujeito entenda explicar a lógica de seu ato, é na FD da loucura, que os sentidos de assujeitamento discursivo desse sujeito, parecem ganhar força. Pois, mesmo sendo considerado louco, traz suas argumentações dentro de uma lógica pautada num discurso cartesiano, próprio de sua FD do discurso de logicidade. "Ou seja, os 'contextos' fazem parte de uma história, já que, também nessas instâncias de enunciação, os enunciadores se assujeitam à sua FD" (POSSENTI, 2005, p.369). Cabe ressaltar aqui, que analisaremos *a posteriori* esse discurso numa perspectiva psicanalítica, em que a própria FD do discurso da logicidade e da racionalidade sofrerá deslocamentos, como poderá ser visto nos capítulos 3 e 4 dessa tese.

Tudo era 'claro' e agora está 'cinza', uma cor indefinida, nem branco nem preto, sem vida, sem cor, nem claro nem mesmo escuro. Mas é um 'cinza' que tinge, isto é, mais do que pintar, ele tinge. As metáforas 'pintar a alma' e 'tingir a alma' direcionam para o efeito de sentido de força dessa melancolia perante as decisões tomadas na descrição do relato, no caso, o assassinato do pai. Destaca-se, que a partir da escolha da expressão tingir ao invés de pintar, a ideia é de algo sem volta, a alma tingida é a marcada sem chance de retornar para a cor original.

Tem-se nessa relação pintar e tingir o que é denominado por efeito metafórico, em que uma palavra no lugar de outra num contexto dado promove o deslizamento de sentido, o qual se dá pelo processo de construção social e histórica de dado momento, num processo de analogia próprio ao interdiscurso. "Mais claramente: o (efeito de) sentido nunca é o sentido de uma palavra, mas de uma família de palavras que estão em relação metafórica (ou: o sentido de uma palavra é um conjunto de outras palavras que mantêm com ela uma certa relação)" (POSSENTI, 2005, p.372).

A claridade passa a dar espaço ao difuso como uma névoa, a claridade difusa poderia ser como a de água em evaporação, em que se pode ver, mas que a própria claridade prejudica o alcance dessa visão. Vemos que a FD do discurso da logicidade vai dando contornos a uma FD do discurso da loucura. Contudo, precisamos reforçar o argumento de que não podemos esquecer que pensadas as condições de produção desse discurso, temos um homem considerado demente, logo sua FD estaria embasada num discurso da loucura.

Como os sentidos lhe fogem ao seu domínio, a claridade difusa, tingida de cinza alude a uma certeza que apresenta inconstâncias. E termina seu raciocínio do seguinte modo: *É estranho que esse seja o único detalhe que não me lembre, todos estão ainda bem vívidos dentro de mim. E que importa? A moldura, ela foi só isso – moldura.* No início, tudo era claro, contudo agora, paira a dúvida de como se estabeleceu o que ele chama de moldura, isto é, o cenário do crime. Reforça-se que todos os outros detalhes estejam vívidos na memória, e que a moldura não importaria. Mas a SD1 teve início nos efeitos de sentido próprios ao que é claro ou ainda esclarecedor.

Os efeitos de sentido de moldura devem ser pensados, pois podem representar a ideia de condicionamento social, de um indivíduo pré-existente à sociedade, sem poder de modificar o seu entorno, muito menos os que pertencem a

essa ambientação social. Isto é, matar o pai pode evocar o sentido de fuga de uma realidade que não condiz aos seus anseios.

Moldura está ligada à noção de molde, num discurso da loucura, matar o pai era destituir-se de um molde que fora negado à vida toda por meio de argumentos discursivamente localizados em interdiscursos de uma FD da logicidade. Esse jogo de processos discursivos entre a racionalidade e a loucura acontecerá de modo constante no relato desse sujeito que descreve ter matado o pai.

Podemos pensar esses discursos interpelando esse sujeito, de modo que a interpelação ideológica, a influência e determinações das formas de poder, fundadas nas composições e das instituições sociais estarão demarcadas nos efeitos de sentidos possibilitados, principalmente, nos efeitos de sentido condizentes à figura paterna. “Toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1997, p.162).

Essa FD do efeito de sentido do ‘claro’ como matriz de uma certeza é constituída numa FD do discurso racionalista, de um sujeito que tem domínio sobre seus atos, mesmo que a atitude por ele tomada, a de matar o pai, seja questionada dentro da lógica constitutiva do discurso científico tanto de FD do direito quanto da FD da medicina.

Essa apreciação incide na conceituação de sujeitos assujeitados, os quais se entendem soberanos e superiores, mas que fazem o que fazem em suas vidas não por intencionarem tais realizações, mas sim por estarem interpelados por certas ideologias e discursos. Constitui-se assim a falsa subjetividade, do sujeito entender-se dono de suas vontades; a opacidade da língua na sua não transparência, de que o sentido das palavras estaria nas próprias palavras.

Isto supõe que o sujeito deixe de ser considerado como o eu-consciência *mestre do sentido* e seja reconhecido como assujeitado ao discurso: da noção da subjetividade ou intersubjetividade passamos assim a de assujeitamento. O efeito-sujeito aparece então como o resultado do processo de assujeitamento e, em particular, do assujeitamento discursivo (PÊCHEUX, 2012, p.156).

Logo, destaca-se, nesse cenário conceitual a forma-sujeito, da ideia basilar de um sujeito dono de seus sentidos, a qual será questionada; uma teoria não-subjetiva

da subjetividade, em que se examina a própria subjetividade como um produto ou processo criado e que precisa ser revisitado, a fim de perceber a não-subjetividade adjacente à subjetividade.

Dois esquecimentos são conceituados dentro da AD, o esquecimento nº1 é o da própria paráfrase em que o que é dito já é ocultado pelo sujeito na constituição de um novo discurso e o esquecimento nº2 se estabelece na noção do sujeito entender-se como fonte dos sentidos, nessa ilusão, nesse espaço é que se estabelece esse esquecimento.

Na SD1, o esquecimento nº1 fica evidenciado nas denominações de claridade, claro, cinza em que ao parafrasear desloca os efeitos de sentido no jogo claro e cinza, de certezas e incertezas.

As denominações (palavras, expressões ou locuções) compõem um grande bloco de produção de sentidos em relação ao que elas se referem. Denominar não é escolher aleatoriamente designações, é discurso e, como tal, tem história, determinações que permitem tais nomes e/ou impedem outros (FERRARI e MEDEIROS, 2012, p.84).

O esquecimento nº2 se estabelece nesse jogo de palavras, pois ao tentar demonstrar sua lógica, desliza na opacidade das palavras e dos efeitos de sentido advindos da condição de produção: um sujeito descrevendo, por entender-se fonte dos sentidos, como matou o pai.

Vejamos em nosso próximo capítulo como esse 'cinza' vai se compor nos esquecimentos, na opacidade da língua e no jogo constitutivo de efeitos de sentidos fazendo conflitar as FD do discurso da logicidade e da racionalidade em relação às FD do discurso da loucura, da desrazão.

*Tá tudo cinza sem você
Tá tão vazio
E a noite fica
Sem porquê
Lobão*

E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... pra me encontrar...
Florbela Espanca

2 DISCURSOS CLAROS E CINZAS, SÓ ESCURIDÃO

A sociedade é baseada em regramentos, os quais estabelecem o que se pode e o que não se pode. Cada momento histórico é demarcado por verdades, as quais se estabelecem por meio de ideologias que interpelam os indivíduos para que estes assumam a condição de sujeitos, os quais por estarem propensos a essas mesmas ideologias, tendem a entrarem num movimento de assujeitamento constante.

Estar fora de FD entendidas como estabilizadas é adentrar ao universo de FD deslizantes a efeitos de marginalidade, cujas ideologias se instauram nos desvios. O marginal, o louco, a prostituta, o travesti sofrem demarcações discursivas em processos de representação do imaginário tidos numa projeção de erros quanto à ideologia dominante, de estados de repulsão por forças das relações de uma sociedade tida na discursividade do “correto”, sob a ótica do discurso do capitalismo como modelo dos meios de produção.

Ao se pensar esse discurso do capitalismo, os efeitos de sentido tendem a ações centradas no individualismo e no reforço de discursos técnico-científicos, pois é, na modernidade seu ponto máximo, a partir do surgimento do Estado e da positivação das leis. Esse processo trará em cena o sujeito de direito em sua amplitude máxima, cuja lógica das ações está centrada numa FD da racionalidade: “A forma sujeito de direito alcança seu pleno desenvolvimento apenas no capitalismo. Em nenhuma sociedade historicamente anterior os homens puderam ser alçados irrestritamente à condição abstrata de portadores de direitos” (KAHIURA-JUNIOR, 2012, p.04).

“Pensando as relações de forças, a de sentidos e a antecipação, sob o modo do funcionamento das formações imaginárias, podemos ter muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história” (ORLANDI, 2007, p.40). Nos discursos demarcados na opacidade da história é que

podemos ver os deslizos quanto aos sentidos do certo e do errado, sendo e estando nas formações imaginárias os modelos de muitos dos estereótipos sociais.

O louco, a loucura, a demência, a desrazão são palavras que constituem ideologias, demarcadas em discursos que se materializam na língua com efeitos de sentido plasticamente mutáveis. Ser louco, numa FD romântica é ser verdadeiro, como podemos ver na SD da música *Só os loucos sabem*, da banda Charlie Brown Jr.: “Eles dizem que é impossível encontrar o amor/Sem perder a razão/Mas pra quem tem pensamento forte,/O impossível é só questão de opinião/E disso os loucos sabem, só os loucos sabem”. Nessa SD, os loucos são os únicos que sabem amar ou aqueles que verdadeiramente sabem o que é o amor. A loucura é vista como a perda da razão, em que o louco deixa o sentimento ser declarativo e explicativo.

Fernando Pessoa, grande poeta português, toma a loucura como um sinônimo de genialidade ao compará-lo inclusive com o crime, em seu texto *A imoralidade das biografias*: “O gênio, o crime e a loucura provêm, por igual, de uma anormalidade, representam, de diferentes maneiras, uma inadaptação ao meio” (PESSOA, 1966, p.133). O efeito de sentido de normal se constrói em três palavras que na FD do poeta se constituem num movimento de sinonímia, num processo discursivo em que genialidade, crime e loucura são vistos como uma inadaptação ao meio e como processos de anormalidades.

Nas conceituações possíveis para um sujeito ser considerado louco, há um processo movediço, cujas condições de produção do discurso da loucura determinam os resvales possíveis quanto ao sentido da loucura. Por isso, o deslize entre o sentido da FD da racionalidade, do *cogito* cartesiano e da FD da loucura, como doença da anormalidade, situa-se num limiar discursivo muito tênue. Ser gênio é ser racional ao extremo, contudo ser racional ao extremo condiz à genialidade do modelo discursivo cartesiano/iluminista/positivista, já que “Penso logo existo” e construo por meio da razão a ciência, fonte de sentidos reais/verdadeiros. Interessante destacar essa plasticidade constitutiva da racionalidade e da loucura, mesmo o louco sendo visto como um indivíduo com perda de razão. Na psiquiatria forense, uma das marcas da psicopatia é a racionalidade extremada, fato perceptível em testes de lógica matemática como reforçador de psicopatas em potencial.

Na descrição desse homem que se enuncia como aquele que matou o pai no relato descrito no romance *O dia em que matei meu pai*, encontramos um jogo

constante de efeitos de sentido que se modulam em efeitos metafóricos, constituindo uma memória discursiva atravessada por interdiscursos em que a loucura pode ser explicada no discurso científico por meio da FD da medicina, de um louco-alienado ou de uma FD do direito, de um criminoso, o qual deve sofrer medida de segurança. Tanto numa FD quanto em outra, os argumentos da ideologia racional se perfazem e materializam-se na forma-sujeito de um homem considerado louco, mas dono de seus sentidos, perante a sua ‘consciência’.

Vejamos a seguinte SD2:

(SD2) Confirmo que matei como quem respira – mas isso fala da firmeza da minha resolução, e não da falta de outra saída. A minha foi uma atitude consciente, lúcida, racional até, não importa o adjetivo que se dê. Estou me lixando para o fato de me acharem louco, ou de estar aqui, neste lugar, graças a um atestado de insanidade que médicos e juízes me deram. Eu não sou louco, você está ouvindo?, eu não sou louco. Não está claro por que matei meu pai? Mas eu não tenho clareza a oferecer. Só escuridão (SABINO, 2009, p.101).

Podemos ver nessa SD2, como esse jogo discursivo produz efeitos de sentidos que se deslocam nas FD da logicidade e da FD da loucura. Essa situação deixa o sujeito exposto, mesmo por que as condições de produção desse discurso devem sempre ser reiteradas, já que se trata de um homem que alega ter matado o pai e descreve as suas experiências de vida numa tentativa de justificativa de seu ato.

A FD da logicidade é uma constante e aparece materializada na ideia do claro e do lúcido conforme podemos perceber nas denominações, de um inconsciente que se declara a todo o momento, nesse deslize que sempre tende à psicose, não podemos nos esquecer de que esse homem está baseado num discurso psicótico. “A psicose revela um dos avatares da subjetividade e nos obriga a lembrar que o sujeito é uma função no campo do inconsciente, como a palavra é uma função no campo da linguagem” (CABAS, 2009, p.179).

Esse assujeitamento se revela num ato declarativo que produz um efeito de sentido baseado no reforço dessa logicidade constitutiva da sua forma-sujeito, própria dos esquecimentos nº1 e nº2, de um sujeito detentor e fonte dos sentidos: *Confirmo que matei como quem respira – mas isso fala da firmeza da minha resolução, e não da falta de outra saída. A minha foi uma atitude consciente, lúcida,*

racional até, não importa o adjetivo que se dê. Os efeitos de sentido baseados numa FD da logicidade chegam ao seu ponto alto, uma vez que a atitude de matar o pai como o ato de respirar tem a ver com a firmeza da resolução, algo pensado e premeditado, inclusive não se trataria de uma falta de saída.

Além de que respirar é uma condição fisiológica, isto é, sem respirar esse sujeito não estaria vivo. Matar o pai pode produzir nesse ponto um efeito de sentido de que matar o pai foi algo natural, necessário para a continuação de sua vida: 'se se respira, vive-se', logo, se matar o pai é como respirar, o assassinato é uma condição natural da existência desse homem.

Se pensada essa FD no campo da psicanálise, o conceito de castração, da ruptura do gozo, em que a figura paterna ressoa como o interdito, matar o pai é um movimento de quebra do espelho, de uma imagem especular que ressoa em seu inconsciente. Para Fink (1998, p.133) "Apesar das infinitas permutações permitidas pela linguagem na constituição do desejo, o homem pode ser visto como limitado ou finito com relação ao registro simbólico. Traduzido em termos de desejo, o limite é o pai e o tabu do incesto".

O sujeito reforça que matar o pai foi uma atitude consciente e lúcida, vemos aqui o efeito do claro. O interdiscurso do cinza enquanto efeito de sentido aparece quando se diz: *racional até, não importa o adjetivo que se dê.* O deslizamento da FD da logicidade para a FD da loucura se dá principalmente em 'até', pois se é 'até', não está tão claro assim. O efeito metafórico de 'até' se dá por meio de sua função de reforçador, no caso destacando que pode ser até racional, ou seja, essa escolha indica o jogo da formação imaginária de que tudo que ele diz é visto como irracional, uma vez que ele é um louco que relata as implicações de ter matado seu pai. "O que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro" (PÊCHEUX, 1993, p.82).

Entendendo o sujeito A, como o dono do relato, ele se entende num lugar de dono da verdade e tendo em argumentos racionais as justificativas para seu ato de matar o pai e que o sujeito B, no caso, a analista, ocupa o lugar de alguém que está ali para julgá-lo de forma premeditada, já que A é um louco. Já o sujeito B, a analista, entende-se como alguém locada numa FD técnico-científica que valida julgamentos e entende o sujeito A como alguém incapaz de suas capacidades mentais e que necessita ser interpretado. Pêcheux (1993) argumenta que nesse

jogo de formações imaginárias é que se processa as condições de produção, e que sempre em um processo discursivo, o qual é conjunto dos mecanismos de um discurso, ocorrem antecipações de representações por parte dos interlocutores.

Na condição de produção do discurso desse homem diagnosticado como louco, na perspectiva de uma FD do discurso médico, legitima-se a FD jurídica de seu estatuto de demência. No nível do discurso do sujeito de direito, assujeitado ao discurso do capitalismo, as enunciações se deslocam para efeitos de sentido em argumentos de justificativa do assassinato do pai que tendem à FD da racionalidade cartesiana/iluminista/positivista.

Por ser considerado louco por um discurso científico da FD da medicina, constrói um fio discursivo constitutivo de resvales e deslizos. Já para uma FD da psicanálise, esse movimento antinômico de FD da racionalidade e FD da loucura, vistas como opostas, poderia ser entendido ainda dentro de uma “lógica” do discurso paranoico.

Quanto à paranóia, Freud propõe que existe a mesma conotação de gozo que experimenta o obsessivo (um mais de prazer), mas no que diz respeito à recriminação o paranóico não acredita nela – o que determina seu retorno no real sob a forma de vozes (o xingamento alucinatorio). O paranóico não acredita na recriminação que acompanha o gozo, e sim nas alucinações que escuta. “Na psicose”, diz Lacan, “o sujeito não apenas acredita nas vozes como também lhes dá crédito (QUINET, 2009, p.98).

O crédito a essas vozes pode ser uma das explicações para esses resvales, por isso, podemos notar a possibilidade desse assassinato do pai estar no nível da alucinação paranoica. Nesse sentido, da lógica de um discurso psicótico, o racional é revisto numa lógica intrínseca ao próprio inconsciente, como veremos na análise do discurso que será efetuada nos próximos capítulos dessa tese.

Pêcheux (1993) destaca a importância de se perceber as variações de dominâncias dentro dos processos de formação imaginária. Por isso, a importância de “verificar a ligação entre as relações de força (exteriores à situação do discurso) e as relações de sentido que se manifestam nessa situação, colocando sistematicamente em evidência as variações de dominância” (PÊCHEUX, 1993, p.87).

É necessário destacar que as denominações nessa SD2 produzem efeitos de sentido dentro dessa lógica de dominância de uma formação imaginária baseada em

uma FD da racionalidade, já que consciência, lucidez e racionalidade são fatores constitutivos do discurso iluminista e do discurso técnico-científico. Termos que condizem à FD da ciência, própria às ideologias da modernidade, do sujeito da forma-sujeito, dono de sentidos e verdades, essas, no caso, comprovadas 'cientificamente'.

O termo 'consciente' assume, dentro do discurso de um homem considerado louco, efeitos de sentido de algo pensado, só que sem poder de veracidade para quem escuta, já que na FD da loucura o poder de 'decisão' pelo que é dito é afetado por uma doença, transtorno. A relação da lucidez declarada da SD2 remete mais uma vez à luz, aquilo que é claro e traz ainda um deslize de sentido mais antagônico nessas relações de força das formações imaginária, pois um homem louco em tese é o antônimo de um homem lúcido.

Ainda nessa SD2, o sujeito reitera o deslize da FD da racionalidade para a FD da loucura: *Estou me lixando para o fato de me acharem louco, ou de estar aqui, neste lugar, graças a um atestado de insanidade que médicos e juízes me deram.* Veja que quem deu a ele o *status* de louco foram os médicos e os juízes, no que anteriormente chamamos de imagem de A para B em relação às condições de produção de um discurso. Para o sujeito esse discurso da loucura atrelado a ele é uma produção de juízes e médicos, por meio de um atestado, de um laudo.

O laudo, por sua vez, é visto na FD da racionalidade e logicidade, pois tem respaldo científico e, nesse caso, também Legal.

Sendo esse o lugar de inscrição dos peritos, a lei e a ciência, é difícil, senão impossível que alguém conteste, que alguém duvide, que alguém recorra de tal decisão. Amparados pelo poder secular da legislação e dos homens da ciência, que foram conclamados por essa, a decisão final, a conclusão, o diagnóstico, o que couber ao periciando em termos de imputação não terá nenhum caráter fortuito, terá o efeito de um resultado isento, objetivo, legal e científico (MALUF-SOUZA, 2000, p.47).

Na SD2, o discurso desse laudo validou a loucura desse sujeito, pensados os discursos científicos das FD da medicina e do direito. Em *Estou me lixando para o fato de me acharem louco*, a forma-sujeito produz um movimento de sentido de deslocamento, pois se acham ele louco não haveria certeza, contudo em seguida, diz estar no lugar em que enuncia por conta de um laudo, isto é, discurso legitimado

cientificamente e na instância Legal. Em seguida repete: *Eu não sou louco*, e quer ter certeza se está sendo escutado ao perguntar *Você está me ouvindo?* Cabe indagarmos que outro é esse que está ouvindo, um analista ou o seu próprio inconsciente. Essa situação desloca os efeitos de sentido do que é dito em duas sendas discursivas distintas.

A construção do sentido da anormalidade quanto à figura do louco na sociedade é um processo histórico, em que o discurso médico atravessou o discurso jurídico, por positivar a conceituação da loucura no nível de um desvio, o qual direciona a periculosidade de sujeitos para consigo próprios e para a sociedade. E quando se pensa em especial ao que diz respeito desse perigo à sociedade, há a presença de um discurso determinante nas definições da loucura, o percurso de constituição de sentido construído nos moldes vindouros do discurso capitalista. Já que a internação dos ditos loucos começa no século XVII, junto ao momento de constituição das cidades europeias rumo ao modelo urbano próprio ao capitalismo, como explica Foucault (2010, p.88):

na história do desatino, ela designa um evento decisivo: o momento em que a loucura é percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho, da impossibilidade de integrar-se no grupo; o momento em que começa a inserir-se no texto dos problemas da cidade. As novas significações atribuídas à pobreza, a importância dada à obrigação do trabalho e todos os valores éticos a ele ligados determinam a experiência que se faz da loucura e modificam-lhe o sentido.

Quanto ao homem do relato que analisamos, ele não se enquadra nesse perfil, próprio à ideia de que um louco seria em si um desvalido, já que é um sujeito de boas condições econômicas e sociais. No discurso do senso comum, ainda na atualidade, existe o ditado de que se a pessoa for pobre, ela é louca e se ela for rica, é excêntrica. Contudo, quando esse excêntrico comete atos que afetem os sentidos da moral social, ele volta a ser louco. E o ser louco pode se tornar uma saída dos problemas, se pensada a prisão no molde convencional, pois o sujeito incapaz deve ser julgado sob outras instâncias quanto à coerção.

A fundamentação da loucura como uma doença mental é um processo recente, se pensarmos o começo dos internamentos no século XVII. Esse preceito técnico-científico acontecerá devido à própria posituação das ciências, inclusive a medicina. Os séculos XVII, XVIII e XIX, por meio do Iluminismo, da Revolução

Francesa, da Revolução Industrial e do Positivismo, trarão à cena o discurso racional e empírico, o qual fundamenta o discurso técnico-científico existente na contemporaneidade.

Nesse contexto racionalizante, destacamos que tanto a ordem jurídica quanto a psiquiatria passam por processos de reconstrução de sentidos, já que as duas áreas serão atravessadas ideologicamente pelos discursos próprios ao empirismo e ao positivismo. No discurso jurídico, bases dogmáticas vão estabelecer a relação da pena como correspondente a efeitos disciplinares. Na medicina, a ciência psiquiátrica surge com estatuto de especialidade, validando seu discurso de verdade e veracidade científica.

Como ramo da medicina, a psiquiatria tornou-se, no correr dos anos e em todos os países do mundo nos quais foi implantada, em lugar da demonologia, da feitiçaria e das diversas técnicas xamanísticas, uma disciplina específica que tem por objeto o estudo, o diagnóstico e o tratamento do conjunto das doenças mentais (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.627).

Tendo como objeto o estudo, diagnóstico e tratamento de doenças mentais, a psiquiatria assume dentro da lógica do discurso científico da FD da medicina, o respaldo em poder dizer e determinar tudo que envolver a questão da loucura. Por isso, atrelado ao conceito humanizador que o direito penal dogmático tenderá a ter durante o século XIX, influenciado por teorias como a de Cesare Beccaria, considerado um iluminista penal; o discurso psiquiátrico interpelará o discurso jurídico. Todo esse processo é validado dentro da FD da racionalidade, da logicidade. Beccaria foi o grande postulador da humanização das Ciências Penais, a partir da publicação de seu texto *Dos Delitos e das Penas*, de 1764. “A crueldade que comandava as sanções criminais em meados do século XVIII exigia uma verdadeira revolução no sistema punitivo então reinante” (BITENCOURT, 2011, p.81).

O surgimento e fortalecimento desses discursos racionalizantes terá seus desdobramentos de sentidos reforçados quando interpelados pelos processos ideológicos do o discurso capitalista, em que o individualismo toma proporções de reforço sistemático da subjetividade, e também, da objetividade científica como centralização do eu.

A loucura passa a ser vista como a desrazão, isto é, a falta de razão, cabendo à psiquiatria estabelecer os diagnósticos, os quais validarão ou não o processo de criminalização. “O estudo sobre a função da psicanálise na criminologia deixa como saldo a clara exposição do que é o universo mórbido da culpa que subjaz a experiência do crime. Revela uma posição do sujeito que emerge à luz através da passagem ao ato” (CABAS, 2009, p.126).

A razão passa a ser tomada como um interdiscurso cujo efeito metafórico é constante se pensada a relação com a verdade, sabedoria, o certo, o moral, o correto etc. Logo, a sua falta produz efeitos de sentido na ordem do imoral, do ilógico, do errado etc. Esse ‘errado’ só será ‘perdoado’ perante aos processos da lei comum se passar pela tutela do discurso médico.

Devido a esse processo histórico, podemos dizer que o homem que matou o pai tenta inconscientemente e ideologicamente se apegar ao discurso racional a fim de justificar seu ato ou a esperteza sua perante o modo pelo qual o executou e é nesse ponto que é interpelado na FD da loucura, a qual constitui seu ‘livramento’ perante a penalização da lei comum. A culpa por matar o pai pode ser um dos pontos fulcrais, de tal modo que esse fato vai ser visto em dois níveis: material e simbólico.

A forma como os sujeitos entendem a sua existência social tem relação direta pelo modo que são interpelados pela ideologia. A FD racionalizante desse discurso racional como explicação para tudo é inclusive utilizado por um homem classificado como louco. Por meio de tal discursividade, ele se apega a ‘verdades suas’ para justificar atos injustificáveis dentro da mesma FD baseada na racionalidade, constante no discurso individualista do capitalismo.

Althusser (1979) salienta que essa primazia de um discurso do capitalismo é baseado numa ideologia de classe:

Quando a ‘classe ascendente’ burguesa desenvolve, no decorrer do século XVIII, uma ideologia humanista da igualdade, da liberdade e da razão, ela dá a sua própria reivindicação a forma de universalidade, como se por aí quisesse trazer para o seu lado, formando-os para esse fim, os homens mesmo que ela não libertará a não ser explorá-los (ALTHUSSER, 1979, p. 207).

Em nível discursivo, a ideia de que a ideologia interfere nas condições de produção em que inúmeras FD estão inseridas é uma das grandes influências para a

concepção de assujeitamento do sujeito tomado pela AD. “Na verdade, o que a tese ‘a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos’ designa é exatamente que ‘o não-sujeito’ é interpelado-constituído em sujeito pela Ideologia” (PÊCHEUX, 1997, p.155).

O sujeito do relato de *O dia em que matei meu pai* é interpelado pela ideologia capitalista, num movimento racionalizante, em que mesmo sendo deslocado da FD racionalizante é ela que o tornou sujeito. Um indivíduo é esse não-sujeito, que fazendo parte da FD da racionalidade e dos discursos do sujeito de direito, arraigados nos ditames da revolução francesa, constitui-se como parte alienante ao próprio discurso da razão. Lembrando que a linguagem o interpela em sujeito assujeitado, o qual sofre com a opacidade da língua e de seus efeitos de sentido, além de ter na clivagem de seu eu outra interpelação importante.

Por isso, certas denominações feitas pelo inconsciente, numa espécie de ato falho, são rastros importantes de serem seguidos. Se essa movência da FD da racionalidade e da FD da loucura se efetiva em deslizos, a questão do claro e do escuro e do cinza é uma pista a ser seguida e analisada.

Tomar o sentido de claro nesse discurso é um fio discursivo interessante, pois se matar o pai foi de forma lúcida e pensada, nesse caso a FD da loucura viraria a FD da logicidade, mas que não deixa de ser loucura se pensado o conceito da instituição familiar, baseado na FD da moral cristã.

Vejamos na SD3 abaixo, como ocorre esse jogo de deslocamentos da FD da loucura e da FD da logicidade:

(SD3) Não, quando matei meu pai eu não estava tonto. Nem senti qualquer vertigem depois. Meus advogados disseram que isso poderia ter pesado em meu favor no julgamento para reforçar o que eles alegaram ser perda momentânea de lucidez ou uma besteira jurídica parecida. Mas preferi não mentir. De qualquer forma, eles conseguiram fazer um bom trabalho e convencer os juízes das diversas instâncias de que eu deveria permanecer trancafiado num lugar como este, e não numa penitenciária. Bem, está certo que eu também ajudei bastante nesse sentido (SABINO, 2009, p.25).

A SD3 começa com um reforço da ideia de racionalidade: *quando matei meu pai eu não estava tonto*. Estar tonto poderia gerar um efeito de sentido de *perda momentânea de lucidez*, ou seja, indicaria uma condição emocional que teria

afetado o estado de julgamento no ato do crime. Mais uma vez, percebemos que a ideia da loucura ou demência é contraposta ao ideário da lucidez e que caso o crime tivesse acontecido nesse nível, o julgamento se daria em nível de justiça comum, isto é, a penalidade aconteceria em uma penitenciária comum.

O impasse jurídico em relação a ser louco ou não fica evidenciado em: *Meus advogados disseram que isso poderia ter pesado em meu favor no julgamento para reforçar o que eles alegaram ser perda momentânea de lucidez ou uma besteira jurídica parecida. Mas preferi não mentir.* Os efeitos de sentido do discurso científico das FD do direito que atestam a loucura como uma motivação de revisão de julgamentos é posta pelos advogados, fato, de acordo com a enunciação, refutado pelo sujeito do discurso que reforça tratar-se de uma besteira jurídica. A forma do sujeito de direito se evidencia mais uma vez, no centro de domínio dos sentidos: *Mas preferi não mentir.*

A interpelação do sujeito de direito é constituída no discurso da coerção e da coação. É a partir do ideário do contrato social de Rousseau, da Revolução Francesa, e da Declaração Universal dos Direitos dos Homens que se pode falar do surgimento de um cidadão que responde às regras de um contrato social, podendo sofrer sanção perante as atitudes tomadas.

Um sujeito de livre-arbítrio é o sujeito encontrado na FD jurídica, que é interpelado por inúmeras FI, as quais se baseiam no modelo de coerção-coação e pena. Esse homem encarcerado num manicômio entende-se como sujeito de seu discurso ao usar uma conjunção adversativa, o 'mas', como se ele racionalizasse tudo que fazia, inclusive no ato de seu julgamento.

Payer (2005) explica que na Modernidade, com a constituição de um Estado com poder de organização social, cerceando a liberdade dos indivíduos, ao mesmo tempo, que os torna sujeitos livres:

Não mais as leis divinas, mas as leis jurídicas é que se tornaram base da obediência que torna possível a organização social na forma do Estado. Por estas leis jurídicas, os indivíduos deixam de ter o estatuto de escravos, de propriedade alheia (de objetos, portanto) para se tornarem cidadão concebendo-se como sujeitos, senhores de si, livres para circular pela cidade e decidir sobre suas ações (PAYER, 2005, p.14).

A FD da logicidade, de um discurso racional, do claro, mais uma vez se estabelece, desse sujeito de direito que ‘escolhe’ não mentir. Há na linguagem a materialização de sua alienação perante esse discurso racional e que respalda sua liberdade, estatutária e social. Contudo, o ‘cinza’ aparece mais uma vez, pois ele será julgado como louco, como podemos ver no prosseguimento da SD2: *De qualquer forma, eles conseguiram fazer um bom trabalho e convencer os juízes das diversas instâncias de que eu deveria permanecer trancafiado num lugar como este, e não numa penitenciária. Bem, está certo que eu também ajudei bastante nesse sentido.* O trabalho dos advogados foi bom, ele está trancafiado num lugar destes e não numa penitenciária, contudo ele ajudou *bastante* nesse sentido. O uso do advérbio ‘bastante’ se pauta na FD da logicidade, mas, mais uma vez, temos o deslocamento para a FD da loucura, já que ele vai ser condenado.

Nesse momento, podemos pensar o ato do julgamento como um jogo de imagens, o que vai conferir as condições de produção do discurso. Poderíamos pensar a imagem que os advogados fazem do sujeito louco ou não e também a imagem que esse sujeito faz dos advogados, do juiz, júri etc.

Para Pêcheux (1993, p.82), “[...] o que dissemos precedentemente nos faz preferir aqui o termo discurso, que implica que não se trata necessariamente da transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B”.

A e B são lugares numa formação social. Eles aparecem nos processos discursivos como ‘formações imaginárias’ de A e B e do referente, com os desdobramentos possíveis, sempre em débito com processos discursivos anteriores: o já-dito e o já-ouvido.

Logo, todo processo discursivo traria no seu bojo formações imaginária tanto da imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A, do lugar B para o sujeito A, do lugar B para o sujeito em B e do lugar A para o sujeito em B. De acordo com Pêcheux (1993, p.83), “a maneira pela qual a posição dos protagonistas do discurso intervém a título de condições de produção do discurso”.

Isso reforça o deslocamento entre a FD da logicidade e a FD da loucura, pois a imagem que o sujeito condenado faz dos outros é de alguém que está lúcido, mas foi considerado demente, tendo controle racional sobre esse julgamento dos outros. Contudo, a imagem que projetamos desse sujeito, por mais que considerada na FD da logicidade desliza para a FD da loucura, vista como discurso da desrazão.

Há no reforço da FD da logicidade uma construção discursiva da imagem da condição de produção da loucura, a qual condiz a esses efeitos de sentido:

(SD4) Matei meu pai como quem mata um inseto. Não, a imagem é falsa, já que na maioria das vezes há irritação, quando não medo, em ação tão ordinária. Divago, desculpe-me. Mais exato seria dizer que matei meu pai como quem respira. A respiração regular, que não exige grande esforço para levar o ar aos pulmões (SABINO, 2009, p.9).

Mais uma vez, o claro, certo aparece em: *matei meu pai como quem mata um inseto*, isto é, como se mata seres menores, considerados insignificantes e ainda prejudiciais à saúde humana. O ato de alguém matar um inseto não causa maiores problemas em nível de moral, e as pessoas o fazem de forma corriqueira, sem culpa ou questionamento. Ao comparar o ato de matar o pai com o de matar um inseto, mais uma vez, podemos perceber o deslize entre os efeitos de sentido de um FD da logicidade e de uma FD da loucura, pois ao escolher essa metáfora, o que seria racional tende mais uma vez à loucura, pois se matar o pai era tão necessário, a comparação com o inseto pode levar ao sentido de inferiorização do que simbolizou ser um parricida.

Do fato que seria 'claro', mais uma vez a imagem que se tem é do 'cinza' ou ainda do 'difuso', tanto que reintera na SD3: *Mais exato seria dizer que matei meu pai como quem respira. A respiração regular, que não exige grande esforço para levar o ar aos pulmões. Matar o pai é comparado agora ao ato de respirar, necessidade fisiológica básica do ser humano. Perceba-se, de novo, o deslocamento em nível de FD da logicidade e da loucura, já que matar o pai havia se tornado uma necessidade básica de sua sobrevivência, se não respiramos morremos. Matar o pai é o respirar, o qual não exige grande esforço, mas que continua na ala cinza desse sujeito, o qual precisa alegar ter tudo sobre controle, de forma clara.*

O deslize da FD da logicidade para a FD da loucura se configura nesse jogo do claro e do cinza. O sujeito tem certeza de sua racionalidade frente aos seus atos, contudo suas dúvidas parecem reforçar a certeza de sua loucura, num discurso sempre tonalizado no claro e no cinza e ora ou outra perdido em tudo isso que é difuso.

Na perspectiva do discurso científico da FD do direito, esse homem do relato cometeu uma infração, a qual resulta numa responsabilidade e por sua vez gera uma sanção. Mas, que perante o atravessamento do discurso médico estabelecerá um efeito de mudança de sentido, numa relação de discurso transverso: em que o risco social implica em periculosidade, a qual por sua vez implica em medidas de segurança. De acordo com Pêcheux (1997), o discurso transverso se encontra no nível de relação de um argumento com outro, vem fora, diz o que implica em que; proporciona a ligação dos elementos, efetiva-se na articulação.

Pode-se perceber que nessa relação a FD da medicina, num jogo validação de poderes, salienta-se como o respaldo para decisões jurídicas. O assujeitamento do sujeito de direito, cuja liberdade acaba onde começa a do outro, tem no direito a prerrogativa do que cabe a ele nesse contexto. O discurso científico da FD do direito se constitui, nessa lógica, como indissolúvel, contudo, como todos os discursos se relacionam em relações de forças ideológicas que em determinadas condições promovem certos efeitos de sentido, um cisma ocorre quando os discursos da FD da medicina interpelam os discursos da FD do direito.

O sujeito do relato, assujeitado a essa relação de jogo de poderes, preexistente a ele, terá no seu discurso a materialização desse conflito, nesses deslizes da FD da razão e da FD da loucura, uma vez que nesse deslize se encontra o fio discursivo da constituição dessa série de efeitos de sentido, com o discurso da razão atravessando as várias formas discursivas, inclusive os discursos da loucura.

O questionamento e resolução constantes no fim da SD2 comprova o deslize contínuo da FD da logicidade para a FD da loucura, ou ainda, de um efeito de sentido da FD da loucura que na racionalidade do sujeito se constituía sempre numa FD da logicidade, baseada na razão: *Eu não sou louco, você está ouvindo?, eu não sou louco. Não está claro por que matei meu pai? Mas eu não tenho clareza a oferecer. Só escuridão.*

O 'claro' em definitivo passa do 'cinza' para a 'escuridão'. Esse movimento discursivo desloca por completo as argumentações constantes no relato para a FD da loucura como centro da própria FD da logicidade. Não há mais 'cinza', só 'escuridão', a clareza na escuridão, na loucura, talvez a claridade difusa fosse à escuridão, quando pensamos na FD da loucura. Desse modo, os efeitos de sentido da FD da logicidade sempre estiveram deslocados na própria FD da loucura, por

isso, as sombras e a luz, o claro e o cinza, no final, corresponderiam à própria escuridão.

Essa passagem de negação de sua loucura a partir de uma indagação: *Eu não sou louco, você está ouvindo?, eu não sou louco* traz à tona essa necessidade de afirmar-se perante a sua forma-sujeito em que se instaura num jogo de ilusões, ele é lúcido e racional sobre sua própria loucura. O ‘eu’ centralizador da razão do discurso capitalista, que ganhou força na modernidade, em especial a forma do sujeito de direito, parece até mesmo nas FD próprias aos discursos da loucura.

Como estamos trabalhando o deslize de uma FD do discurso racional para uma FD do discurso da loucura, podemos perceber que a ‘clareza da loucura’ vai ganhando contornos mais específicos, mas que sempre traz a forma-sujeito do discurso à tona, como podemos analisar na SD5 que se segue:

(SD5) Aproximei-me por trás, os passos abafados pelo carpete felpudo. À primeira pancada, seu tronco projetou-se para a frente, como o de uma pessoa que se inclina para amarrar os sapatos. Dobrado sobre si próprio, recebeu o segundo golpe – a crisma que confirma o batismo. O filete de sangue escorrendo pelo canto da boca, a mão direita tremendo por segundos, antes de pousar inerte sobre o chão, o rosto com a expressão de espanto congelada... A descrição da cena está satisfatória? Espero não ter sido muito desagradável, não era essa a intenção (SABINO, 2009, pp.9-10).

A forma pela qual é descrita a forma de matar o pai dentro do contexto do relato de uma pessoa considerada louca estabelece-se dentro dos efeitos de sentido próprios às FD do discurso da loucura, vista como desrazão, por meio de alguns detalhamentos como ‘passos abafados’, ‘pancada’, ‘amarrar os sapatos’, ‘crisma que confirma o batismo’, os quais descrevem situações corriqueiras se estivessem numa FD do discurso da racionalidade, já que ao andar em um carpete felpudo, o som do pisar é abafado, contudo analisado na descrição do assassinato de alguém, salienta certo requinte de maldade, de uma premeditação possível ou no nível da crueldade (FD jurídica) ou no nível da demência (FD médica).

Nessa SD5, ocorre ainda o interdiscurso de FD próprias ao discurso do cristianismo: “Dobrado sobre si próprio, recebeu o segundo golpe – a crisma que confirma o batismo.” Pensar os efeitos de sentido nesse discurso traz à tona mais uma vez a ideia do discurso da moral social, baseado em FD desse discurso moral do cristianismo. Ser batizado trazer um efeito de sentido do apagamento do pecado

original, esse sacramento é uma purificação do ato originário, isto é, ato sexual dos pais. Chavalier e Gheerbrant (1986) aludem que no início do cristianismo, 'iluminação' era a denominação de 'batismo'. Já a crisma é o ato de ratificação, confirmação dessa 'purificação', desse processo de 'iluminação'.

O primeiro golpe teria sido o 'batismo' e segundo a 'crisma', o efeito de sentido na FD do discurso da loucura é de que ao matar o pai, esse filho apagaria o pecado original, entendido na figura paterna, uma vez que esse pai simbolizava tudo que esse filho não pode ser no discurso desse parricida.

No final da SD5, a questão da forma-sujeito mais uma vez se efetiva a partir de uma indagação com uma resposta de um sujeito 'dono dos sentidos', de um 'sujeito racional': *O filete de sangue escorrendo pelo canto da boca, a mão direita tremendo por segundos, antes de pousar inerte sobre o chão, o rosto com a expressão de espanto congelada... A descrição da cena está satisfatória? Espero não ter sido muito desagradável, não era essa a intenção.* A palavra intenção é uma marca lexical de sua racionalidade, de seu domínio sobre os sentidos e sobre o seu ato. Mesmo numa FD da loucura, o sujeito entende-se centrado, racional. O desliz dos sentidos aqui é reverso: da FD da loucura para a FD da razão, demarcada da forma-sujeito, num apagamento de sua condição discursiva de louco, num condição de fantasia metafísica, na acepção de Pêcheux (1997, p.157):

O apagamento do fato de que o sujeito resulta de um processo, apagamento necessário no interior do sujeito como "causa de si", tem como consequência, a nosso ver, a série do que poderia se chamar as fantasias metafísicas, que tocam, todas, na questão da causa: por exemplo, a fantasia das *duas mãos* que, tendo cada uma um lápis, *se desenham uma à outra sobre a mesma folha de papel* e, também, a do salto perpétuo no qual, *de um impulso prodigioso, se salta pro alto antes de se ter tocado o solo;*

O sujeito remonta em seu discurso sua condição metafísica, do discurso redundante do 'eu' ser quem fala do 'eu', num movimento existencial tautológico, reforçando o fato de o sujeito se entender como fonte do sentido. Mesmo o homem que matou o pai, que se encontra preso, considerado louco, não consegue fugir desse enredamento da forma-sujeito, um indivíduo interpelado por ideologias próprias às FD em que seu discurso acontece.

Percebemos que a forma-sujeito é delineada a partir de pressuposições no nível do valor de julgamento, no caso desse parricida em relação a sua própria

prática do assassinato. Esse jogo imaginário da imagem que ele faz dele mesmo na condição de produção discursiva datada na posterioridade de ter matado o pai pode ser vista também na SD6:

(SD6) Encostei o pedaço de pau na parte de trás do sofá, com um cuidado que hoje reconheço desmesurado (como se aquela madeira fosse um objeto ritualístico) (SABINO, 2009, p.10).

O reconhecimento de que tomou um cuidado demasiado ao colocar o pedaço de pau com o qual matou o pai atrás do sofá produz um efeito de sentido dentro de uma FD da razão. Mas, o comentário entre parêntesis faz uma crítica que tende para um misticismo, o religioso de quando um objeto é simbolizado no ritual. Os parêntesis indicam para um pensamento e/ou reflexão desse sujeito. *Reconheço* representa uma noção lógica e ritual tem a ver como processos arcaicos do homem, uma coisa do nível tribal. O uso da primeira pessoa do singular constrói-se no nível dos esquecimentos nº1 e nº2, da forma-sujeito, de um sujeito alienado à língua e ao inconsciente.

Esse movimento discursivo do que se afirma e do que se reflete em nível de 'consciência' não aparece demarcado apenas em sinais visuais do texto, mas também na própria materialidade linguística:

(SD7) Estendi o corpo de meu pai no sofá e me sentei na beirada, perto de seu rosto. Não sei quanto tempo permaneci olhando para ele, mas foi o suficiente para que guardasse na memória cada sulco de sua face. Depois que cerrei os seus olhos esbugalhados, a expressão de espanto deu lugar a um sorriso. Mas pode ter sido impressão (SABINO, 2009, p.10).

Observamos que em: *Depois que cerrei os seus olhos esbugalhados, a expressão de espanto deu lugar a um sorriso. Mas pode ter sido impressão*, o 'mas', visto em seu valor adversativo, produz um efeito de reflexão, como se ele refletisse se o que descreveu sobre o sorriso do pai fosse da sua imaginação. Entendido nessa acepção, temos um sentido de uma FD do discurso da loucura. Interessante, que se entendermos esse 'mas' como uma conjunção aditiva, o sentido passaria de reflexão para comprovação, deslocando-se para uma FD do discurso da racionalidade.

Esse deslocamento constante entre a FD do discurso da loucura e da FD do discurso da racionalidade aparece no final do relato mais uma vez produzindo efeitos na noção do que é 'claro' e do que é 'luz':

(SD8) Venham me prender. Matei meu pai”, e desliguei o telefone. Os criminosos, então, cumpriram o que havia sido acertado. Dois deles me seguraram pelos braços e prenderam a minha cabeça. Imobilizado numa poltrona, eu ainda pude ver o corpo do meu pai que jazia sobre o sofá, antes que o terceiro bandido despejasse ácido nos meus olhos.
E, então, desfez-se a luz.
Este silêncio... Você ainda está aí? (SABINO, 2009, p.163).

Dentro do discurso da moral social de base cristã: matar o pai, ligar para a polícia avisando e pedir para que bandidos que fizeram o serviço lhe joguem ácido nos olhos produz efeitos de sentido dentro da FD do discurso da loucura. No nível da FD jurídica, o fato seria visto como crueldade e frieza, contudo, pela interpelação do discurso da FD da medicina, o fato é visto como desvio de comportamento devido a uma doença, logo, a relação dos discursos de delitos e penas é deslocado.

Declarado essa situação o parricida afirma: *E, então, desfez-se a luz*, desfazer indica que algo produzido, feito foi acabado. Poderia a luz ser o discurso racional, uma 'produção consciente' (forma-sujeito) de um homem que matou o pai e é considerado louco, mas a escuridão, o cinza não existe mais? O jogo de efeitos de sentido de uma FD do discurso da razão e de uma FD do discurso da deixa de existir, assumindo o discurso sentido próprio apenas a FD próprias ao discurso da loucura.

Essa análise é possível se pensado o final dessa SD8, a qual é o final do relato: *Este silêncio... Você ainda está aí?* O tom de ressalva, de dúvida demarcada nas reticências e da pergunta final demonstra incerteza, o sujeito fonte dos sentidos se vai, o discurso de um louco, perdido, que não sabe se fala com alguém ou que não consegue perceber quem está lhe escutando parece constituir-se nessa dúvida materializada no discurso por meio da pontuação.

A imaginação não gera a insanidade. O que gera a insanidade é exatamente a razão. Os poetas não enlouquecem; mas os jogadores de xadrez sim. Os matemáticos enlouquecem, e os caixas; mas isso raramente acontece com artistas criadores. Como se verá, não estou aqui em nenhum sentido, atacando a lógica: só afirmo que esse perigo está na lógica, não na imaginação.

G. K. Chesterton

3 SENDA DA PRISÃO, UM HOMEM QUE MATOU O PAI, MAS NÃO SUA ANGÚSTIA ESPECULAR

A loucura é definida em dois níveis quanto à possibilidade de sua materialidade: o de efetivação ou não efetivação de algum ato tido como descabido pelo discurso científico tanto das FD da medicina e quanto das FD do direito. No nível do discurso do senso comum, é reiterada a expressão “Fulano cometeu uma loucura”, com efeitos de sentido de que alguém cometeu uma prática impensada no entendimento do discurso racional. Por isso, que o discurso da loucura é visto a princípio como o nível da desrazão, se imaginar o uso discursivo em ambiências do conhecimento ordinário, mas que afetou o discurso científico até a ruptura paradigmática causada pelo discurso psicanalítico.

A psicanálise, na sua gênese, ao estudar a ‘lógica’ do inconsciente tomou aspectos revisionais quanto aos entendimentos da neurose e da psicose. De tal modo, que Freud estabelecerá uma releitura de noções tradicionais apriorísticas em relação às definições da psicose para sua época.

Opondo-se a Eugen Bleuler, Freud escolheu a terminologia de Kraepelin, adotando a idéia de uma dissociação da consciência (à qual denominaria clivagem do eu), mas privilegiando o conceito de paranóia, em oposição à noção de esquizofrenia. A partir daí, ele fez da paranóia uma espécie de modelo estrutural da psicose em geral, assim como fizera da histeria o protótipo da neurose no sentido psicanalítico (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.622).

Em Freud (1976), o indivíduo apresentado por meio de sua desorganização dos processos mentais, com perda de realidade e criação de uma nova, sob a qual estabelece suas condutas, é definido como o psicótico. Há uma indiferença perante as realidades anteriores, na composição de uma racionalização secundária. Insta destacar porque podemos dizer que é a partir da psicanálise que ocorrerá a ideia do

discurso da racionalização da loucura. A FD da loucura como desrazão é revista e cabível de reflexões acerca do critério de racionalidade.

Entendida a condição de produção do relato de um homem que matou o pai, isto é, de um parricida, temos como analisar seu discurso dentro da FD da racionalidade da loucura. Para tanto, precisaremos de conceitos analíticos advindos da psicanálise em cotejo com aspectos estudados pela criminologia, baseado nas FD próprias aos discursos científicos delineados no percurso dessa tese, quanto às áreas da medicina e do direito.

A forma como se enuncia o modo de matar o pai no discurso do parricida traz um quadro pictórico, cujos efeitos de sentido tendem a uma sistematização lógica do processo, a partir da realidade psicótica em que esse 'eu clivado' entende como realidade. Num cotejo com a noção de sujeito assujeitado, o discurso de um louco se assujeita ao seu próprio assujeitamento, baseado na alienação dessa realidade, que via linguagem, já se perpassaria em sua opacidade. Vejamos esse processo a partir da SD que se segue:

(SD9) Foi como uma paulada na nuca e outra no alto da cabeça. Ele estava sentado no sofá de sua sala, lendo o jornal, como fazia todas as manhãs, antes de ir ao clube onde nadava 1500 metros em quarenta minutos. Homem atlético, meu pai, e sempre bronzeado, o bronzeado dos ricos, um dos sinais exteriores de sua prosperidade (SABINO, 2009, p.9).

O discurso se delinea num primeiro momento numa descrição do local das pauladas dadas na cabeça do pai, a fim de matá-lo. Ao detalhar ser na nuca o primeiro golpe, há um efeito de sentido para um discurso de um ato covarde. Esse deslize se efetua em termos materializados por meio da língua ao detalhar primeiro esse fato e depois descrever que bateu no alto da cabeça, uma vez que o pai encontrava-se sentado.

O ato desleal, como o de bater em alguém pelas costas, é fato não aceito em nível social, por isso se encontra tipificado no discurso científico nas FD jurídica. Em alguns casos, descritos na própria legislação quanto a um ato constituído e qualificado de um crime. Quando esse sujeito do discurso mata o pai e o faz sem dar chance alguma à defesa, cometeu um homicídio qualificado, conforme podemos ver a partir da legislação do Código Penal Brasileiro:

Homicídio simples

Art. 121. Matar alguém:

Pena - reclusão, de seis a vinte anos.

Caso de diminuição de pena

§ 1º Se o agente comete o crime impelido por motivo de relevante valor social ou moral, ou sob o domínio de violenta emoção, logo em seguida a injusta provocação da vítima, o juiz pode reduzir a pena de um sexto a um terço.

Homicídio qualificado

§ 2º Se o homicídio é cometido:

I - mediante paga ou promessa de recompensa, ou por outro motivo torpe;

II - por motivo fútil;

III - com emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel, ou de que possa resultar perigo comum;

IV - à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido;

V - para assegurar a execução, a ocultação, a impunidade ou vantagem de outro crime:

Pena - reclusão, de doze a trinta anos (BRASIL, 1984, s.p.).

No segundo parágrafo, inciso IV, é citada a traição, de emboscada, de dissimulação ou ainda, “recurso que dificultou ou tornou impossível a defesa do ofendido”. O ataque pelas costas, no caso as pauladas deferidas, enquadram-se nessa última categoria de traição.

Pensados os efeitos de sentido na condição de produção de um parricida, o termo traição pode ser visto como algo reforçador da atitude descabida, do ato de loucura. O pai, seu progenitor, é quem lhe deu a condição de viver, logo matá-lo é uma traição no sentido original da concepção.

Em muitas épocas, anteriores à concepção familiar patriarcal, o fato de matar o pai não entrava na ordem de afetação do valor simbólico de família. Nas sociedades tribais matriarcais, esse processo se efetivava de forma natural, os próprios laços sanguíneos eram secundários para a própria definição de pai, quando se sabia quem era esse representante.

Para Roudinesco (2003), o *pater* dos romanos era o homem quem escolhia a criança a ser guiada, no critério de adoção desse papel social. É o cristianismo o responsável por ligar a ideia de pai à figura de um genitor, embora não exclua o discurso do pai por adoção. A grande mudança discursiva na FI cristã é a ligação da figura paterna a um Deus (Pai e Todo Poderoso). Isso gera um fator simbólico de um poder espiritual, além de carnal. O pai torna-se o símbolo da genitura e garante a

sua progenitura as condições de vida, verdade e razão a ser seguida. Também é quem separa o filho da mãe.

A palavra do pai, ao delinear a lei abstrata do *logos* e da verdade, não prolonga a alimentação materna senão ao preço de separar o filho do laço carnal que o une, desde seu nascimento, ao corpo da mãe [...] A dupla temática do pai separador, dotado de cultura e de *cogito*, fonte de liberdade e de alimentação espiritual, e da mãe, natureza exuberante feita de fluidos e substâncias, foi um dos grandes componentes da representação judaico-cristã da família (ROUDINESCO, 2003, pp. 23-24).

Na FD da moral cristã, matar o pai é simbolicamente matar Deus. Advém desse discurso a não aceitação desse fato e o modo como ele se torna inadmissível, num sentido discursivo cristão, considerado profano. Os efeitos de sentido de traição no nível discursivo científico da FD jurídica reforça o sentido de traição na FD da moral cristã. Essa correlação demonstra como o interdiscurso da traição se efetua nos campos da moral cristã e do direito.

Em ambiência interdiscursiva, isso se salienta em vários casos, como na mudança lexical de prisão para penitenciária, que remonta a penas, advindas da ideia de penitência. Destacamos essa relação, pois certos crimes como matar o pai, vão além da lógica discursiva do direito, já que adentram postulados morais de cunho religioso. Nesse sentido, o 'imoralmente', o 'imoral', os atos profanos serão vistos como algo não racional, no nível da desrazão, da loucura.

Como já percebemos, nesse ponto, as FD da medicina proporcionaram a humanização da pena, ao tornar inimputável o louco, ao respaldar que esse não pode ser responsabilizado por seus atos. Os atos fundados nessa condição psíquica serão avaliados sobre outra égide do regramento jurídico, com lugar diferenciado de reclusão e tempo de detenção distinto, podendo prevalecer de modo indeterminado.

O sujeito louco, comprovado por meio de um diagnóstico de periculosidade, será considerado inimputável e logo sofrerá a medida de segurança, com internação em hospital de custódia.

A internação em hospital de custódia e tratamento psiquiátrico destina-se obrigatoriamente aos inimputáveis que tenham cometido crime punível com pena de reclusão e facultativamente aos que tenham praticado delito cuja natureza da pena abstratamente cominada é de detenção (art. 97, CP) (PRADO, 2015, p.565).

Há um discurso nessa questão legal de que o crime enquanto penalização ocorreu, contudo, o estado mental do agressor não lhe dava validação de conhecimento distintivo da realidade. Outra questão pontuada na FD jurídica é o aspecto de prevenção em relação à periculosidade do agente criminal, isto é, esse sujeito destituído de razão é um perigo iminente ao social, logo deve ser retirado de tal convívio.

Entendida uma sociedade no seu aspecto disciplinar, um dos discursos fundantes dessa legitimação numa primeira instância é a palavra do pai como *cogito*. Desse modo, nos discursos das FD da sociedade patriarcal, matar o pai é também matar essa verdade dos discursos das FD da racionalidade. Sendo assim, não haveria lógica no ato, já que o pai simbolizaria toda a lógica em si mesmo. A palavra do pai seria uma força intelectual além de moral. Mais um reforço para o fato do parricídio ser considerado uma loucura.

Esse pai da razão é um dos primados que a sociedade capitalista em seus primórdios trará como um dos discursos fundantes. O qual, no mundo contemporâneo, é revisto a partir das rupturas paradigmáticas do modelo de família. A lei do pai é uma das condições de validação por meio dos discursos encontrados em FD da racionalidade. “[...] se a família é para Freud uma das grandes coletividades humanas da civilização, ela não pode se distanciar do estado animal a não ser afirmando a primazia da razão sobre o afeto, e da lei do pai sobre a natureza” (ROUDINESCO, 2003, p.45).

É interessante notar que nessa SD9, há um processo discursivo desse pai que ao ser intelectualizado, da ordem do *logos*, seria superior, da ordem de uma razão estatutária, legalizada, nas FD do capitalismo em que os discursos sobrepõem os fazeres intelectuais aos braçais, podemos perceber esse efeito de sentido em: *lendo jornal, como fazia todas as manhãs*. Há uma gradação desse efeito de sentido ao continuar seu discurso destacando que o hábito de ler do pai era diário, além do que depois ia *ao clube e nadava 1500 metros em quarenta minutos*. Isto é, era culto e cuidava da saúde, demonstrando grande aptidão, já que fazia sua prática em quarenta minutos. O efeito de sentido de pai que é um Deus, inalcançável a esse filho, se modaliza no nível discursivo.

O pai vai se figurando como um significante a ser alcançado, esse simbólico buscado e almejado. Na perspectiva psicanalítica, esse sujeito do discurso se projeta a esse Outro, esse pai, simbolicamente um Deus-pai. O sujeito do discurso é

barrado pela ordem desse Outro, que se estabelece como rumo a ser seguido. Só no furo, no ato falho e nessa pseudocondição de um eu é que realmente há um desvelar discursivo.

Esse significante toma o lugar do sujeito, ocupando o lugar do sujeito que agora desapareceu. *Esse sujeito não tem outra existência além de um furo no discurso.* O sujeito do inconsciente manifesta-se no cotidiano como irrupção transitória de algo estranho ou extrínseco. Em termos temporais, o sujeito aparece apenas como uma pulsação, um impulso, ou interrupção ocasional que imediatamente se desvanece ou se apaga, “expressando-se”, desta maneira por meio do significante (FINK, 1998, p.62).

A figura desse pai é o significante que toma desse sujeito sua própria representação, pensando o discurso alienado como alheio à realidade, o pai é o símbolo dessa fuga. As construções de descrição desse homem é a do Outro que interpõe a realidade anterior ao discurso dessa nova realidade alienante (loucura). A projeção especular nessa imagem de significante vai irrompendo no discurso de forma inconsciente por meio dessa gradação de sentido: homem culto, saudável, inteligente e diferenciado. Por ser mais velho, esse pai não deveria discursivamente representar características da juventude que o próprio filho não tem. O efeito de sentido de um interdito do desejo de buscar nessa realidade alienante, isto é, seu discurso psicótico, as características apresentadas pelo pai dentro de uma FD do capitalismo, do sujeito de direito, cujos estereótipos de beleza e saúde são ligados às relações de poder, é uma constante.

A figura paterna do cristianismo sofre uma crise conceitual e cultural no período do Iluminismo, sendo usada a expressão da maldição paterna. Figuras institucionais como o Estado e Nação passam a assumir certos papéis que outrora eram desse pai Deus e do *logos*. “Mas o poder que o pai perdera sobre a cena das batalhas e da cavalaria logo foi reinvestido por ele no teatro da vida econômica e da vida privada” (ROUDINESCO, 2003, p.32).

O discurso capitalista tende a representar o poder como fato estatutário. O pai deixa de ser visto apenas como Deus ou lógica, para ser entendido dentro de parâmetros baseados em questões relativas ao *status* econômico. Esse fato pode ser observado na continuação da SD9: *Homem atlético, meu pai, e sempre bronzeado, o bronzeado dos ricos, um dos sinais exteriores de sua prosperidade.*

O pai assassinado era bronzado, de bronze, dourado, de ouro, tanto que essa característica assinalava seu *status* econômico por meio de sua prosperidade. Chavalier e Gheerbrant (1986) destacam que a simbologia do bronze na mitologia e filosofia grega tem a ver com a ideia da terceira raça dos homens, os quais eram desmedidos, fortes e violentos. Nesse discurso, do bronzado, esse pai constitui-se em sua força e virilidade, numa representação violenta, na qual se destaca o desejo de ser esse pai e a própria inferioridade por parte desse filho.

Faz-se mister destacar que não se trata de um bronze advindo do 'queimado do sol', já que o pai é bronzado e não queimado do sol, não é alguém que trabalha no sol, numa perspectiva de depreciação do trabalho braçal tão presente no discurso capitalista. As estátuas de mármore, ouro e bronze representam discursos de refinamento, poder e status econômico. Esse desejo de ser o pai, ou melhor, o que esse pai representa no contexto do discurso capitalista faz desse psicótico refém desse desejo. O bronze lhe fere e é impenetrável, tem caráter sacro, um intransponível a ser perpassado.

Outra questão fundamental da condição psicótica é o desejo. Trata-se de um indivíduo que se coloca como objeto do outro, vive sob a marca da depressão, sob a falta de existência efetiva, de um desejo, de um ideal, pessoas sem nenhum cuidado com o próprio corpo, sem trocas efetivas com o mundo externo a não ser aquelas imediatas, no registro da necessidade, em total isolamento psíquico, às vezes também físico, sem vínculos, ou inseridos em relações desagregadas ou deterioradas com seus familiares e com a comunidade (VITA, 2005, p.142).

Na perspectiva psicanalítica, o desejo se dá nesse colocar-se no lugar do desejo do Outro, na composição de suas pulsões de vida na realidade e lógica alienante da loucura. Linguisticamente, nota-se esse assujeitamento ao outro perante as palavras às quais se materializam no discurso, seus sentidos não são gratuitos. Há um desvelar contínuo das interpelações dessa linguagem e da condição histórica e econômica desse sujeito assujeitado. A realidade desse discurso alienado, de um psicótico que matou o pai, apresenta as marcas desse desejo de ser o Outro, ou melhor, tudo o que os discursos desse Outro, o pai, simbolizam.

Para tanto, ocorrerá um jogo discursivo, em que esse sujeito tenta traçar situações as quais desmereçam esse pai, num jogo daquilo que esse homem

demente imaginava ser com aquilo que entendia ser, desvelado na sombra de um 'pai perfeito' dentro da FD do capitalismo, narcisista e do individualismo. Ressaltando a ideia de perfeito com aquilo que é feito por completo (per-fecto), já que ele, sujeito assujeitado a sua condição seria imperfeito, isto é, incompleto:

(SD10) Quando minha mãe estava viva, eu lia para adquirir conhecimento suficiente para impressioná-la e também humilhar meu pai (SABINO, 2009, p.111).

O efeito aditivo de 'e também' pode efetuar-se como uma conclusiva, impressionar a mãe, logo, humilhar o pai. Um efeito de sentido baseado no ideário do complexo de Édipo, em que essa mãe é o foco do desejo, como fim de ser o centro das atenções e marginalizar a figura paterna desse pai genitor. "Édipo é a dolorosa e iniciática passagem de um desejo selvagem para um desejo socializado, e a aceitação igualmente dolorosa de que nossos desejos jamais serão capazes de se satisfazer totalmente" (NASIO, 2007, p.12).

Esse desejo selvagem está no nível dos instintos e ao analisarmos essa SD10, percebemos que esse homem apresenta um problema quanto a essa socialização do desejo aceito. Pensado na lógica da FD racionalizante da loucura, esse ciúme da mãe, simboliza um sujeito alienado a desejos 'primitivos' fora da ordem do discurso do socialmente aceitável.

Tomamos a ideia da conjunção conclusiva em relação à estruturação desse discurso, uma vez que mesmo morta a mãe, o pai é o alvo, o Outro, o interdito, seu significante almejado de projeção especular. Vejamos:

(SD11) Passei a adolescência lendo – inclusive porque isso irritava meu pai, que creditava às minhas leituras o fato de eu ser um adolescente franzino e pálido. No clube de campo, ele não conseguia esconder a inveja dos amigos que tinham filhos fortes e bronzeados, que já colecionavam namoradas e gostavam de falar calhanices. Eu, para marcar mais a minha diferença em relação a eles, só abria a boca para dizer que a burguesia estava com os dias contados e que, pior do que assaltar um banco. Não que eu fosse um fedelho metido a comunista (SABINO, 2009, p.111-112).

Aqui o sujeito, novamente, nega tudo das características paternas, projetando a culpa no pai, contudo é o que gostaria de ser. Esse processo da projeção

especular, aqui traz um eu, dono dos seus sentidos, inclusive com a reflexão acerca de que o discurso por ele proferido teria sido o de um *fedelho metido a comunista*.

Mais uma vez, a ideia da leitura com efeito de sentido vinculado a uma disputa de poder estatutário intelectualizante acontece. Se antes, lia para impressionar a mãe, embora o alvo fosse o pai. Agora, declara a guerra direta, o alvo é o pai: *Passei a adolescência lendo – inclusive porque isso irritava meu pai*. Perceba que o ‘inclusive porque’ demarca a ideia de uma explicação e de um acréscimo ao fato de que ler era algo normal para ele.

A ideia de que ele não se encaixava aos estereótipos da sociedade capitalista, cujos atravessamentos ideológicos de sua condição de produção compunham uma FD de beleza masculina: ser um rapaz forte e bronzeado. O sentido de ser forte é presente até hoje no discurso de que tem que comer bastante para ficar forte, isto é, saudável, logo, bonito. A questão do bronzeamento mais uma vez aparece: *que creditava às minhas leituras o fato de eu ser um adolescente franzino e pálido*. Há um efeito de sentido de que ao mesmo tempo em que se nega esse padrão, reforça-se a vontade de tê-lo, basta se lembrar da SD9, na qual o bronzeamento era uma marca, uma simbologia de alguém de sucesso, em contraponto a ideia de insucesso de ‘queimado do sol’.

O sujeito do discurso quer apresentar seu domínio sobre a situação, ele quer humilhar o pai ao ser do jeito que é, sua força estaria na sua fraqueza: *No clube de campo, ele não conseguia esconder a inveja dos amigos que tinham filhos fortes e bronzeados, que já colecionavam namoradas e gostavam de falar calhanices*. O gostar de falhar canalhices e o fato de colecionar mulheres aparece no discurso como uma pista interessante para a ideia de fracasso quanto à temática ligada a sua virilidade. O pai seria o exemplo de homem que teve sempre toda mulher que quis. Fato que analisaremos posteriormente quando esse psicótico revelar que o pai teria sido amante de sua esposa.

Na parte seguinte da SD11, há uma primeira pessoa demarcada e que mostra o controle do enunciador frente à situação que fora descrita: *Eu, para marcar mais a minha diferença em relação a eles, só abria a boca para dizer que a burguesia estava com os dias contados e que, pior do que assaltar um banco*.

No sujeito psicótico ao contrário, certos fenômenos elementares, e especialmente a alucinação que e a sua forma mais característica,

mostram-nos o sujeito completamente identificado ao seu eu com o qual ele fala, ou o eu totalmente assumido através do modo instrumental. É ele que fala dele, o sujeito, o S, nos dois sentidos equívocos do termo, a inicial S e Es alemão. É justamente o que se apresenta no fenômeno da alucinação verbal. No momento em que ela aparece no real, isto é, acompanhada desse sentimento de realidade que é a característica fundamental do fenômeno elementar, o sujeito fala literalmente como seu eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva, falasse e comentasse sua atividade (LACAN, 1955-1956, p.23).

Percebemos que esse sujeito se assujeita a sua condição alienante, um adolescente não teria calma e discernimento diante de uma exposição dessas, contudo, o sujeito psicótico cria na lógica da alucinação um 'eu' detentor das verdades, uma vez que 'produz' uma realidade sua, como nos afirma Lacan.

Notar esse movimento é pensar um processo de duplo assujeitamento a sua própria clivagem. Por isso, alguns argumentos vão se reiterado, mesmo que de forma distinta. O caso do bronzeamento do pai como *status* e depois a situação do enunciador não ser bronzeado, como forma de provocação a esse pai demonstra esse movimento da posição desse sujeito no discurso psicótico. Ele sujeito barrado pelo Outro, ou ainda, ele mesmo constituindo-se em outro sujeito, de uma nova realidade, própria da alucinação e da paranoia.

O perigo desse processo se dá na transgressão de uma realidade a outra, em que o simbólico social, das amarras do proibido, não se fazem entendidos da mesma maneira da realidade criada e marginal ao mundo sensível. Em que os desejos passam a ser vistos em sua realização como o gozo necessário à manutenção da realidade alucinatória, num espaço perigoso que nem sempre consegue ser barrado por outro significante.

[...] tomo a questão do gozo, que está no mais além do princípio do prazer. Sabemos que ele está presente em sua forma imperativa ali onde não há o significante, ou o significante adequado, para mediá-lo/barrá-lo. É o gozo mortífero do afeto da angústia ou o gozo puro e enigmático dos atos violentos e perversos, por exemplo (ALMEIDA, 2005, p.131).

Se o pai é o significante que o interpela, matar o pai é tornar o significante inexistente, se é que ele existia anteriormente, ressoando apenas o discurso do prazer como saída de suas angústias. No discurso capitalista, há uma espécie de reforço ao discurso do epicurismo, de um hedonismo sem limites. Desse modo,

pode-se dizer que nas FD do capitalismo se instalam relações em que o gozo e o prazer têm a violência como vontades instintivas do ser humano a ser reforçada. “O que se apresenta da violência em certas práticas capitalistas é o horror despido de qualquer revestimento simbólico, em estreita relação com o *fascínio pelo suposto objeto que realizaria o desejo e supriria o campo das necessidades*” (TEIXEIRA, 2005, p.135).

Estabelece-se um jogo de projeção de sentidos, quanto à realidade alucinatória o ato de matar o pai deveria satisfazer o anseio das angústias do simbólico, o que em nível discursivo demonstra a não realização desse processo de apagamento do sentido desse simbólico: o pai, o Outro, o homem de sucesso, o provedor financeiro.

A situação de dependência financeira desse filho pelo pai instaura uma modulação de efeitos de sentido, ora o discurso se envereda ao aspecto de que ele se aproveita desse pai no que se refere a sua dependência econômica e ora ressalta como isso faz esse sujeito se sentir mal:

(SD12) Sim, ser sustentado pelo meu pai era fonte de alguma angústia. Eu era mais uma puta que ele pagava... Eu disse no início que ele não saía com prostitutas? É verdade. Mas era desse modo que eu me sentia – uma puta –, assim como todos que gravitavam em sua órbita. (SABINO, 2009, p.30).

Ser sustentado pelo meu pai era fonte de alguma angústia. ‘Alguma angústia’ produz um efeito de sentido de indeterminação. Como quando dizemos ‘já é alguma coisa’, isto é, pode ser algo ou literalmente nada. Essa indeterminação pauta esse jogo de projeção de realidades que demonstramos no decorrer dessa análise: isso causa angústia e não causa angústia; ele queria ser bronzado e não queria ser bronzado; ele quer ser como o pai e refuta ser como o pai... Essas dualidades demonstram a alienação desse sujeito tanto à realidade do consciente quanto a sua realidade do inconsciente, aquela das FD da racionalidade da loucura.

Em cada momento que ele argumenta a projeção no que simboliza a figura desse pai, ele adentra esse jogo dual, próprio de configurações do discurso paranoico, em que esse significante do pai, desse Outro, é a própria projeção dessa saída de uma realidade insuportável, a do consciente, para uma realidade suportável, mas conflituosa, própria do inconsciente.

Na paranóia, o significante-mestre do trauma, não está nem recalcado nem disperso, ele é submetido à operação de *Verhaltung* (retenção) – termo que Lacan toma emprestado de Kretschmer em sua tese sobre a paranóia, como desenvolverei adiante. Aqui todos os significantes estão referidos a esse Um retido, fixando o sujeito a um gozo traumático de um real impossível de suportar. O sujeito paranóico se encontra retido por esse Um que não o deixa, e a partir do qual ele entra em relação com os outros (QUINET, 2009, p.94).

Percebemos que se projetar nesse simbólico do pai, perante sua alienação ao inconsciente, vai se assujeitando às novas ‘verdades’ criadas no nível discursivo da FD da racionalidade da loucura. O pai é esse Um retido, sua sombra na existência. Por isso, quanto mais o discurso nega ‘racionalmente’ no nível da loucura sua condição alienante ao simbólico do pai, acaba por resvalar para a ideia especular de uma projeção de suas angústias por não ser como esse modelo de pai, que seu pai genitor e figura paterna projeta. O qual simboliza numa FD do capitalismo, um modelo de sucesso, beleza e poder.

Ao se casar com uma mulher bonita e inteligente, o sujeito pensa em seu nível discursivo da paranoia, estabelecer uma equalização das condições simbólicas. Ter esta mulher é ser como esse pai que ele tanto nega ser quando reforça querer ser.

Outra denominação que merece destaque nessa SD12 é puta. Veja, não se trata de uma meretriz, uma garota de programa, mas de uma puta: *Eu era mais uma puta que ele pagava...* Quem paga a puta, tem o poder de pagar pelo seu prazer a partir da venda do corpo por parte de outra pessoa. É como se esse filho ao receber o dinheiro do pai, o fizesse como um processo de venda de prazer. O filho fracassado, vendendo seu corpo (no caso existir), traz à felicidade de um gozo, de um prazer a esse pai.

De acordo com esse filho, o pai não precisava pagar nenhuma mulher. Ao explicar essa antinomia, de ser a puta, de alguém que não precisava de prostitutas, há um efeito de sentido da puta como o fato de se vender de forma depreciativa: *Eu disse no início que ele não saía com prostitutas? É verdade. Mas era desse modo que eu me sentia – uma puta –, assim como todos que gravitavam em sua órbita.* A denominação prostituta que aparece na pergunta produz um efeito de sentido de profissionalização, de uma relação sem dependência de poder a quem se vende, como algo a se subestimar. A prostituta vende o corpo e ponto. Já na denominação puta, há todo um sentido de minorização, de ofensa, de algo desdenhado. Perceba-

se que no nível gírio, não se chama alguém de filho de uma prostituta e sim de filho da puta.

O ato de ser puta é o de se sentir numa condição de minoridade e de venda depreciativa de si mesmo. Tanto que ele afirma sentir-se como puta, fato o qual estende a todos que vivem no entorno de seu pai. Todos são putas no sentido dessa dependência da figura que esse pai representaria, todos gravitariam em sua volta. Há um efeito de sentido desse pai ser o astro maior, o sol de todo um sistema em que esse filho se entende como satélite de última categoria, uma puta, denominação inconsciente de sua condição de inferioridade e dependência de um homem com dinheiro para comprar inclusive o prazer sexual, num gozo constante, de um poder centralizador. Há uma dualidade, de um pai que pode tudo e de um filho submisso a todo esse poder.

Na SD que se segue, percebemos como a dualidade é uma constante, já que mesmo casado e podendo ter estabilizando essa zona conflituosa, repousam ainda os mesmos traumas de projeção especular nesse Outro:

(SD13) Minha mulher insistiu para que fôssemos recebê-lo já no aeroporto. Quando o vi sair da área de desembarque, todo meu sentimento de inferioridade aflorou. Por mais que eu estivesse bem-vestido, jamais seria como meu pai. Como já disse a você, ele era um homem atraente (SABINO, 2009, p.121).

O discurso da FD da racionalidade da loucura se estabelece nos contornos em que a sua lógica de “inferioridade” e os atributos de beleza do pai se direcionam ao fracasso da sua condição, isto é, tudo o que ele nega e quer ter como condições próprias de sua existência. A retenção dos desejos e angústias suprimidas se materializam nas palavras que se sobrepõem em seus atos falhos discursivos.

Quando o vi sair da área de desembarque, todo o meu sentimento de inferioridade aflorou. Nessa enunciação, o discurso de um aflorar de sentimento produz um efeito de sentido baseado na supressão dessa condição, a qual durante os seus discursos se efetuam, como mostramos nos aspectos duais que ressoam nas SD que analisamos anteriormente.

Como já disse a você, ele era um homem atraente. Ao ressaltar isso de forma reiterada, há uma constatação óbvia de que a condição de requisitos físicos que seu pai tem, são situações muito distantes das quais ele imaginaria ter, fato que lhe incomoda em relação a sua mulher, a qual compararia os dois. O pai simbolizaria a

beleza e o poder financeiro que ele não tem. Na SD12, afirma: *Eu era mais uma puta que ele pagava...* demonstra a ideia de que a dependência econômica do pai era uma prova de sua submissão e condição de inferioridade frente a uma figura tão forte e poderosa que seu progenitor representava.

Essas angústias advindas de uma falta de segurança e, ao mesmo tempo, de uma dependência financeira do pai, desvelam a carência afetiva, a qual ficou sempre subjulgada perante a projeção especular nesse significante inalcançável que era seu pai, um Outro do reflexo desejado, das projeções mais simples e não alcançadas, como podemos ver na SD14 que se segue:

(SD14) Em nosso último jantar, meu pai, em sinal de agradecimento por toda a atenção que ela lhe dispensara, presenteou-a com um anel de brilhantes. “Você me faz feliz ao fazer meu filho feliz”, ele disse. Os olhos dela ficaram marejados. E, preciso confessar, os meus também. (SABINO, 2009, p.123).

O pai ao dar o anel de brilhantes produziria o efeito de angústia no filho, contudo a seguinte declaração do pai desconstrói a lógica da repulsa: *Você me faz feliz ao fazer o meu filho feliz*. Pela primeira vez, o enunciador destaca um único momento em que o pai é interpelado pelo interdiscurso do pai amoroso e zeloso, aquele que nega sua felicidade em favor da felicidade de seu filho.

Os efeitos de sentido desse interdiscurso, dessa memória, são tão fortes que os olhos da esposa teriam ficado marejados, uma situação para o momento bastante cabível diante do quadro emocional que se instaurava. Mas, o que chama a atenção é a seguinte declaração: *E, preciso confessar, os meus também*. O sujeito que sempre teve como meta humilhar o pai, desprezando características físicas e estatutárias deste homem, admite, uma vez que usa o verbo confessar, ter se emocionado com o quadro descrito.

A relação de equilíbrio proporcionada pela mulher em relação à figura paterna sofrerá um cisma quando o sujeito desse discurso descobre que a mesma esposa, a qual representa seu centramento, é amante de seu pai:

(SD15) Devo dizer que não sentia nenhuma raiva, apenas decepção. E, é curioso, a decepção era maior com meu pai do que com minha mulher. O que significava que eu ainda conseguia ter alguma expectativa positiva em relação a ele, apesar de todo nosso histórico (SABINO, 2009, p.154).

Na lógica da FD da racionalidade da loucura, esse sujeito entende-se como podemos perceber em todas as SD descritas até então, como tendo pleno controle diante dos fatos que lhe passam. Ao saber da traição da esposa, não sente raiva, mas decepção. O sujeito que havia confessado seus sentimentos, novamente, promove a retenção, não há raiva, logo, controle pleno dos sentimentos. Outra situação que chama a atenção é que, embora o fio discursivo encaminhasse a desilusão para a esposa, já que o pai era a própria reflexão de negação da sua existência, isso não acontece.

A dualidade em relação à figura paterna mais uma vez se estabelece: *O que significava que eu ainda conseguia ter alguma expectativa positiva em relação a ele, apesar de todo nosso histórico.* Os efeitos de sentido dentro da lógica da paranoia desse sujeito alienado a sua condição de demência reforça que a crença no pai como alguém modelar era uma expectativa desse filho. ‘Ainda’ e ‘apesar’ são duas denominações que materializam toda a crença de que esse pai representaria, todo o simbólico da figura paterna visto como amor e proteção.

A construção discursiva se estabelece em dualidades das realidades desse sujeito louco, a realidade vivida e a realidade de sua paranoia, ambas construídas em lógicas do inconsciente, embora a primeira seja tida como consciente ao pensarmos a alienação desse louco. Tanto que esse sujeito é assujeitado às esferas de duas realidades alienantes: a de um sujeito assujeitado às ideologias e a de um sujeito assujeitado a sua lógica paranoica. Essa situação se torna emblemática, se analisarmos a seguinte SD16:

(SD16) Não foi por vingança que eu o matei, acredite. Foi para eliminar uma anomalia que, desde cedo, havia levado a que a minha vida se transformasse num inferno. Meu pai me torturara quando eu era criança, havia me abandonado depois da morte de minha mãe, seduzira minha mulher, depois a forçara a continuar fazendo sexo com ele e, por fim, havia usurpado minha posição de pai. Qual era o significado disso tudo? Demorei encontrar a resposta, mas alcancei-a: ali estava um homem que não conseguia estabelecer uma diferença entre o seu desejo e a realidade – eis a anomalia. Não imaginava as consequências de seus atos (SABINO, 2009, p.160).

Ao ressaltar não ter sido por vingança o fato motivador de seu parricídio usa a expressão ‘acredite’, ou seja, é como se o que ele diz no momento é algo sem lógica ou uma mentira *a priori*. Ressalta o fato de eliminar uma anomalia e constrói um discurso baseado numa lógica edipiana: *Meu pai me torturara quando eu era*

criança, havia me abandonado depois da morte de minha mãe, seduzira minha mulher, depois a forçara a continuar fazendo sexo com ele e, por fim, havia usurpado minha posição de pai. Descortina então a 'verdade': o pai seria um homem que não conseguia distinguir o seu desejo e a realidade e que não teria consciência de seus atos. Nesse ponto, temos um homem alienado a uma realidade paranoica descrevendo o significante, o Outro de suas angústias, como a si mesmo enquanto um homem paranoico.

Ressoa, nesse discurso, o efeito de sentido de um homem que, preso por matar o pai, projeta ainda a angústia especular que o simbólico desse pai materializava. No seu discurso, o pai como simbólico ainda é vivo, num movimento tautológico e especular tão intenso que a própria realidade paranoica constitui-se na lógica de um discurso da razão. Há um homem centro e origem dos sentidos, cuja dualidade espectral ao pai é a *logos*, o *cogito* do seu discurso. Alienado a sua verdade, traz um discurso de negação e reforço das características do pai, o Outro inalcançável, projeção de toda sua angústia de viver.

Bem, esse homem matou o pai, mas não sua angústia especular: *Este silêncio... Você ainda está aí?*

Eu estava dormindo e me acordaram
E me encontrei, assim, num mundo estranho e louco...
E quando eu começava a compreendê-lo
Um pouco,
Já eram horas de dormir de novo!
Mario Quintana

4 SENDA DA LIBERTAÇÃO, UM HOMEM QUE MATOU O PAI NA SUA LÓGICA FORACLUÍDA DO NOME-DO-PAI

Os regramentos sociais e seus modos de representação são construídos e datados na história. A discussão acerca do real é uma das mais antigas da filosofia, tendo em Platão e Aristóteles duas perspectivas distintas sobre o assunto, as quais influenciaram as mais variadas correntes do pensamento hodierno. Para a AD, o real é colocado em xeque, já que o real seria aquilo que não se atinge por meio da linguagem. A realidade seria, pois, um real simbolizado. Por meio da linguagem, virtualizamos, isto é, potencializamos o que simbolicamente se constitui da realidade que nos interpela, por meio de ideologias e de um inconsciente. Não há como sair de uma ideologia sem entrar em outra e fugir do inconsciente é um oxímoro o qual nos constitui. “Nos pontos em que a linguagem e as redes que usamos para simbolizar o mundo racham, encontramos o real. É a *letra* que insiste sempre que tentamos usar o significante para dar conta de tudo e dizer tudo” (FINK, 1998, p.12).

Vive-se, pois, numa sociedade de modelos, os quais se materializam na linguagem, por meio de discursos. Os sujeitos, assujeitados às ideologias que lhe atravessam, tomam como real o que dentro de uma determinada FD é posto como verdade, ou ainda, pressuposto de verdade. O que cada um entende ou pensa compreender como verídico é aquilo que lhe atravessa, tanto inconscientemente quanto ideologicamente.

O pensamento cartesiano postulou a lógica como uma verdade indissociável, o iluminismo trouxe o racionalismo como a luz que iluminaria a humanidade e o empirismo possibilitou a ascensão do positivismo fundante das ciências. As FD da racionalidade, tendo a ciência como discurso de validação, tomam para si o estatuto de verdade.

A loucura, considerada um desvio, numa lógica cartesiana, um processo de desrazão, será vista no início da psiquiatria, como um processo ilógico de indivíduos desvalidos. Será a psicanálise o campo teórico de ruptura, a qual estabelecerá

novas formas e entendimentos acerca do louco, tratado agora como psicótico e visando analisar a 'lógica' da 'realidade' instituída na loucura. Em Lacan, esse processo de furo, deslocamento acontece na linguagem, nosso acesso e representação do que somos e/ou pensamos ser.

Para Lacan, a realidade é simbólico-imaginária, é uma construção eminentemente fantasística que, para cada sujeito, faz face ao real inominável. Mais essencialmente, a concepção lacaniana do real está ligada ao impossível em jogo na relação sexual, e a fantasia e, em suma, fantasia de relação sexual. Lacan define o real de diferentes modos, mas em todos eles o que importa e seu caráter evasivo ao sentido. Ele é puro não-sentido, ao passo que é precisamente o sentido que caracteriza o imaginário, é o duplo sentido o que caracteriza o simbólico (JORGE, 2010, pp.10-11).

O discurso científico das FD da medicina sofre um cisma com a entrada da psicanálise, já que a partir dessa nova linha de pensamento, o discurso tornou-se um objeto científico de validação, inclusive de atestados e laudos. Lembrando que esse jogo do não-sentido e do simbólico produz essa ruptura paradigmática do próprio objeto de estudo da psiquiatria. A ciência é questionada quando fechada em seu caráter positivante, na esteira de um capitalismo a gerar novas formas e modelos sociais.

Nossa civilização atual é dominada pela ciência. O mal-estar dessa civilização científica se expressa nas doenças dos discursos, predominantemente oriundas do discurso do capitalista, que é nova modalidade do discurso do mestre. São essas doenças do discurso que o psiquiatra é chamado a tratar (QUINET, 2009, p.19).

É interessante perceber que durante todo o nosso percurso analítico até então delineado, tanto os discursos da ciência quanto os da sociedade capitalista materializaram-se nas SD analisadas. Isto assevera conceitos próprios à AD de que todos somos sujeitos assujeitados e interpelados o tempo todo pela história e por nosso inconsciente.

Nesse momento, nossa análise entenderá que o sujeito em questão não matou o pai (parricídio), mas sim, na lógica de foraclusão, de paranoia, num discurso da ordem do delírio, consolida esse fato como algo que aconteceu. Para termos respaldo conceitual e científico, o arcabouço teórico da análise terá como base as discussões acerca da neurose e da psicose na psicanálise.

Comecemos por observar a seguinte SD17:

(SD17) O amor dos dois era insuportável. Depois daquele dia na praia, meu pai se tornou o forte; eu me tornei o fraco. Os carinhos de minha mãe me pareciam esmolas, comparados aos que ela reservava a meu pai. Quando estava comigo não conseguia disfarçar a vontade de estar com ele. As histórias que me contava antes de dormir se encurtaram. Os longos cafunés que me impeliam ao sono foram substituídos por beijos protocolares (SABINO, 2009, p.14).

O amor do pai e da mãe era insuportável, aquilo que não é possível suportar. Os efeitos de sentido de suportar vão demonstrar a possibilidade de uma não transposição do complexo de Édipo. Suportar, etimologicamente, vem de *supportare*: carregar, levar, transportar. Logo, o amor de seus pais era um fardo que ele não conseguia levar.

Para a psicanálise, a relação constitutiva em relação ao que Lacan denomina de Lei do Nome-do-pai, é o centro de gênese da psicose e da neurose, entendido o Complexo de Édipo em sua completude. “A primeira conclusão que obtemos, pois, acerca da psicose é que em seu centro encontramos o problema do pai. Porém, neste ponto, se nos impõe o fato de que precisamente na neurose subjaz o mesmo problema [...]” (CABAS, 1982, p.255). É importante destacar que, quando o sujeito tem o complexo de Édipo estabelecido no seu ciclo, isto é, abandono da ideia de casar com a mãe por medo de ser castrado, tem-se uma estrutura neurótica. Já na psicose, há a não instauração do Nome-do-pai, pelo complexo de Édipo, não acontece a separação da mãe e o sujeito foraclui a figura paterna.

No discurso do insuportável, o sentido se constrói na ideia de algo que não pode ser superado, ou ainda, carregado. Assim sendo, esse sujeito teria duas saídas: deixar recluso no inconsciente essa ideia simbólica, acarretando num processo neurótico, ou ainda, aclarando essa angústia por meio da linguagem, constituindo-se num processo alucinatorio, delirante, próprio da psicose.

O Outro no neurótico é 'mudo', seu discurso não atravessa o muro da linguagem a não ser pelas formações do inconsciente. Na psicose, o Outro fala, aparece às claras, provocando no sujeito todo tipo de reação: terror, pânico, exaltação. Isso faz com que o psicótico, diferente do neurótico que habita a linguagem, seja habitado, possuído pela linguagem. (QUINET, 2006, p.17)

Ao ser habitado pela linguagem, sofre a interpelação do inconsciente, trazendo nos seus discursos uma lógica criada na representação desse Outro inconsciente, a qual perpassa a lógica das FD dos discursos da racionalidade. É interessante notar que nesse movimento discursivo, os resvales serão demarcados nas antinomias conceituais, pois o Nome-do-pai, essa lei constitutiva, não foi superada. O que deveria ser exemplo, a especularização da imagem paterna, será o tormento desse sujeito psicótico.

Esta situação pode ser entendida a partir da noção lacaniana de foraclusão. O termo *forclusif* foi adaptado do direito para a linguagem clínica por Édouard Pichon, em 1928: “[foraclusivo ou excludente (do uso de um direito não exercido no momento oportuno)] para expressar a idéia de que o segundo membro da negação em francês aplicava-se a fatos que o locutor já não encarava como fazendo parte da realidade” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.245).

Em Lacan, o problema da foraclusão se efetua quando o sujeito não tem inscrito no lugar do Outro o significante do Nome-do-pai, fato gerador da não permissão desse sujeito se nomear. Falta algo, ocorre um furo constitutivo desse ser, que ao se perguntar quem é busca a resposta no exterior, numa projeção, no delírio psicótico.

Lacan colocou em evidência o problema fundamental da psicose, ou seja, a foraclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro. O Nome-do-Pai não se acha aí, há um buraco na ordem simbólica do sujeito psicótico. O fenômeno psicótico é o efeito da emergência na realidade de um chamado a uma significação à qual o sujeito não pode responder na medida em que esta jamais fez parte da sua estrutura (QUINET, 2006, p.30).

Quando se expõe de início na SD17, que o amor da mãe e do pai era insuportável, esse sujeito demonstra um efeito de foraclusão do significante Nome-do-pai e direciona seu discurso dentro de uma lógica paranoica, constituída num movimento de reforço da sua ‘realidade’.

Deve-se ressaltar que a esse sujeito mãe e pai correspondem às figuras materna e paterna. Para a psicanálise, isto não é uma regra, um irmão, por exemplo, pode ocupar a função paterna. Esse homem já foracluiu a função paterna, a qual, no caso desse sujeito, centra-se no pai, de tal modo que isso constitui um processo insuportável. Esse filho não resolveu o problema da separação da mãe e esse pai é

o culpado, tendo no seu discurso como veremos sempre a ênfase num efeito de sentido de tirania, de um poder acima de todos. As relações desse processo se dão por meio do discurso centrado na representação dessa figura paterna, num processo sempre de volta, de recalque ao que Lacan instituiu na noção de metáfora paterna, a qual falta aos psicóticos.

Para Lacan, o surgimento da linguagem é indissociável do advento do sujeito do inconsciente e é através dele que se dá o recalque originário. Esse processo é o que Lacan chama de metáfora paterna. A metáfora paterna representa o protótipo de toda e qualquer metáfora e, logo, da *condição essencialmente metafórica da linguagem*. Nas psicoses, a falência da entrada em jogo do processo de metaforização, aberto pelo advento da metáfora paterna, é atestada pela frequência com que nelas se observam os distúrbios de linguagem (JORGE, 2008, pp. 91 e 92).

O discurso psicótico da paranoia, ao criar uma nova realidade, se efetiva como um sistema de defesa do inconsciente. É por meio da linguagem que os sentidos do inconsciente afloram, tendo na metáfora paterna o recalque dos problemas existenciais desse sujeito, já que lhe falta. Esse fato se difere no discurso neurótico, já que as representações das coisas por meio das palavras se tornam objetos materializados, que em nível consciente se estabelecem como lógicos e com sentido.

É essa a diferença determinante na psicose. O que é vivido como traumático, como afetivamente intenso pelo psicótico, não ganha uma representação capaz de favorecer o escoamento energético ou a vinculação desse excesso a uma ideia, a uma representação. As palavras são reais (GUERRA, 2010, p.14).

No discurso paranoico, as palavras não só representam, mas atravessam a lógica constitutiva do sujeito, o qual interpelado por suas verdades cria uma lógica própria e singular. Na neurose, as representações ficam recalçadas, e por meio do afeto, vêm à tona, ascendem à consciência. Já na psicose, representações primordiais não se estabelecem no sujeito, isto é, ficam foracluídas, não tomam uma simbolização existencial, sobressaem-se no nível do delírio, da alucinação. Na paranoia, os efeitos de foraclusão voltam no discurso como as verdades únicas e cabíveis, levando a uma construção de verossimilhança própria: *Os carinhos de minha mãe me pareciam esmolos, comparados aos que ela reservava ao meu pai.*

Quando estava comigo não conseguia disfarçar a vontade de estar com ele. No delírio, tais construções se materializam como verdades absolutas na forma-sujeito, que por si só já é alienada a questões ideológicas, da opacidade da língua e da clivagem do 'eu'.

O delírio é a formação imaginária que dá forma à realidade de cada sujeito a partir da costura simbólica do real, constituindo assim um modo de defesa do sujeito contra o impossível a suportar - o que do real está foracluído do simbólico. O delírio é, portanto, não algo a ser combatido para ser destruído, mas é o próprio trabalho de elaboração do sujeito para viver num mundo suportável (QUINET 2006, p.57).

Nesse nível do discurso delirante, efeitos de sentido, como na denominação 'esmolas', dão pistas interessantes dessa alienação de verdade. Esmola é dada em pequena quantia e por caridade, para ajudar quem necessita. Por ser um ato de caridade, isto é, *caritas (afeto, amor)*, a esmola é dada sem se pensar em recompensa. Situação muito comum no discurso do papel materno, já que a mãe seria a 'única pessoa que se sacrificaria por outra', 'pessoa que dá a vida pelo filho'.

Na lógica foraclusiva desse sujeito, a mãe só fazia isso, os carinhos, por obrigação, já que a vontade dela era estar com o pai: *As histórias que me contava antes de dormir se encurtaram. Os longos cafunés que me impeliam ao sono foram substituídos por beijos protocolares.* As histórias se encurtaram, ou seja, quanto mais curta a história: mais tempo com o pai, mais carinhos no pai, mais atenção ao pai, mais.... pai. Os cafunés eram longos: mais tempo comigo, mais carinho para mim, mais atenção para mim, mais... mim. Nesse jogo, pai X mim, tem-se um fio discursivo próprio da psicose em que o complexo de Édipo se efetua como uma marca constitutiva do discurso paranoico.

Na FD da psicanálise, a relação que o sujeito tem com o simbólico vai definir sua neurose, como recalque ou a psicose, como alucinação.

A referência ao Édipo reinstaura a clínica da estrutura do sujeito equivalente a estrutura da linguagem, na medida em que o Édipo é a armadura significante mínima que condiciona a entrada do sujeito no mundo simbólico. É a partir da ordem simbólica que se deve pensar a questão da psicose. Lacan nos indica que é justamente porque o homem deve atravessar a floresta dos significantes para retomar aí os seus objetos instintivamente primitivos e válidos que temos de lidar com a dialética do complexo de Édipo (QUINET, 2006, p.7).

Para entender os efeitos de sentido desse discurso psicótico da paranoia, é necessário perceber que o Complexo de Édipo não se centra, apenas, na figura paterna, e sim, na dicotomia das figuras da mãe e do pai. Por isso, nessa SD17, quando o sujeito se refere à mãe como alguém que lhe dá esmolas, temos um sujeito com as fases edípicas não resolvidas. Pois, essa dicotomia, centrada no valor da mãe e não do pai, como se pensa comumente, não foi superada no nível simbólico.

Vejam os esquemas abaixo:



Figura 01 – Fases do Complexo de Édipo na perspectiva laciana (CABAS, 1982, p.123)

O discurso do sujeito traz tanto a mãe quanto o pai em relações de efeito negativo, quando na primeira operação a mãe tem um efeito positivo e o pai um efeito negativo. Depois da castração, a segunda operação, há uma inversão de polos em que o pai passa a ser a relação positiva. Lembremos, que esse Outro significativo do Nome-do-pai está foracluído, ou seja, não se chegou a essa relação positiva, o que há é o furo, a falta simbólica.

Em outros termos, a falta da metáfora paterna vai responder uma hiância que se abre no campo imaginário. Se a foraclusão do Nome-do-Pai (no simbólico) corresponde a elisão do falo (no imaginário), todos os fenômenos de ordem simbólica na psicose são decorrentes da primeira, enquanto que os fenômenos da ordem do imaginário são decorrentes da segunda (QUINET, 2006, p.53).

Na SD17, as duas figuras simbólicas têm no discurso um efeito de sentido no polo negativo, como forças magnéticas de repulsão. A construção discursiva dessa lógica paranoica atravessa um sujeito que não passou pelas fases do Complexo de Édipo e, por isso, encontra-se foracluído, isto é, no nível do discurso psicótico.

Para explorarmos mais essa modelagem das operações constitutivas do Complexo de Édipo, vamos analisar a seguinte SD18:

(SD18) O espetáculo que se desenrolava sobre a cama era horroroso: minha mãe, nua, cavalgava um pênis enorme. O pênis que eu sempre quisera ver e que sempre evitara olhar (SABINO, 2009, p.16).

Na lógica do discurso psicótico, esse sujeito apresenta uma não transposição das operações do Complexo de Édipo e para tanto sua 'verdade discursiva' se efetua numa instância paranoica, da alucinação e do delírio. Nessa SD18, a cena do pai e a mãe tendo uma relação sexual e o falo paterno como um desejo do olhar quanto à simbolização de poder e força, já que o pênis é enorme, produz um efeito de sentido demarcado no discurso do mito edipiano.

No trecho *cavalgava um pênis enorme*, o termo 'cavalgava' produz um efeito de sentido numa FD do prazer extremo e sexual, se pensada a condição de produção envolvendo uma criança, a qual sofreria um trauma. Esse pai é extremamente forte, violento (homem de bronze) e sexualmente atrai a mãe desse sujeito, embora no momento sexual ela não seria uma mãe, e sim, uma mulher no momento de uma relação sexual. Contudo, para esse sujeito, ela ainda é a mãe, numa perspectiva do Complexo de Édipo, já que esse sujeito não teve a segunda operação, a da castração.

Faz-se mister ressaltar que a castração para o menino não acontece de fato, diferentemente da menina que já nasce castrada, por isso a análise do feminino na psicanálise se dá outro modo.

É o medo da castração que insere o sujeito num processo neurótico e, por conseguinte, o insere na civilização e nos processos simbólicos de realidade. Na psicose, a forclusão é a antinomia disso, pois ao não se inserir ou não ser inserida a metáfora paterna, o sujeito não sofre esse simbólico do desejo da mãe, lhe falta algo, constituindo-se num furo.

A cena é descrita como um ato factual e materializado, mas é necessário lembrar que para a psicanálise a situação do Complexo de Édipo ocorre no nível simbólico. Já na lógica de um discurso paranoico, a representação desse Complexo de Édipo pode ser vista e entendida na razão da psicose como um fato material e cabível.

Aqui, teríamos que deter-nos um pouco e perguntar se, efetivamente, alguma criança teve, alguma vez em sua vida, a ocasião de materializar o incesto com sua mãe, ao menos no curso de seus cinco primeiros anos, e, simultaneamente, matar a seu pai... isso nunca lhe pôde haver ocorrido, porquanto não tem condições materiais para pensá-lo. O menino carece de categorias libidinais para entender o sentido do ato sexual. Então, quando Freud diz "desejo incestuoso", a rigor está querendo acercar-se exemplarmente de um modelo; quando diz "fantasma da morte do pai", está tentando um modelo teórico. Evidentemente, se trata de um modelo teórico que nos remeteria a certo desejo vinculado à mãe e certa tensão agressiva vinculada ao pai. Insistimos, pois, que não há que tomar ao pé da letra tais modelos aproximativos, e sim ver a que remetem e o que é que, neles, Freud está querendo sublinhar (CABAS, 1982, p.101).

Esse sujeito tem a falta desse processo de cisma do Nome-do-pai em relação a sua mãe e o medo da castração foi sublimado, por isso, o simbólico é visto por esse sujeito como o real. Embora o mito de Édipo não deva ser levado ao pé-da-letra, no discurso paranoico desse sujeito, pode ser, se imaginarmos que o 'pênis enorme' poderia ser o dele mesmo também, como condensação de significados, demonstrando um desejo.

O modo pictórico e demarcado num senso comum quanto à questão do Complexo de Édipo será uma característica do discurso paranoico desse sujeito delimitado no delírio e alucinação. De acordo com Guerra (2010, p.8), "O psicótico delira e parece inventar histórias com ou sem sentido, porém, sem substrato verídico, alucina imagens e sensações irreais [...] Enfim, parece operar numa lógica que nem sempre conseguimos apreender. É fato".

Esse processo 'irreal' vem à tona quando analisamos a SD19:

(SD19) Perdoe-me, mas nada do que contei ontem ocorreu. Quer dizer, apenas uma parte é verdade. Até a visão da pedra azul. Como você pode ter acreditado que eu presenciei meu pai e minha mãe fazendo sexo? Meu relato foi tão esquemático, tão manual... Pelo visto, não é difícil enganá-la. Talvez eu possa dedicar-me a isso de agora em diante – a enganá-la. Será a minha diversão. (SABINO, 2009, p.16)

Há agora, um processo discursivo de desconstrução do que foi dito, em que o sujeito assume um discurso de controle racional perante tudo o que diz. Pede desculpas pela invenção do relato da cena sexual de seus pais e começa a questionar o valor de julgamento de quem o está analisando: *Como você pode ter*

acreditado que eu presenciei meu pai e minha mãe fazendo sexo? Meu relato foi tão esquemático, tão manual...

É possível perceber na lógica desse discurso paranoico, a necessidade de reforçar o domínio de sua posição em relação à figura paterna. Por ter o Nome-do-pai na sua foraclusão, há que se criar uma lógica própria em que de fato esse símbolo existencial estaria resolvido, de tal modo que ele pode brincar com a ideia do Complexo de Édipo.

Ao dizer que seu *relato foi tão esquemático e tão manual*, produz-se um efeito de sentido em que ele se postula como superior racionalmente a quem o está escutando, o analisando. Na sequência, reforça-se isso com: *Pelo visto, não é difícil enganá-la*. Dentro de suas FD da lógica da loucura, de seu discurso psicótico, ele é superior a quem o escuta. Na lógica paranoica, o discurso não se pauta em valores de verossimilhança, já que dependerá da realidade entendida para o momento em que o discurso é proferido, além de um processo narcísico próprio ao psicótico, em especial, ao paranoico. Por isso, ele se considera superior a quem o escuta.

[...] na psicose, a ausência de elaboração leva a que o alocutor não importe absolutamente, posto que, no caso de que ele exista, não se sabe o que é... Podemos vincular essa elaboração do outro com a elaboração do duplo no curso do processo narcísico, acrescentando que, se a elaboração do outro na psicose é produzida com pânico, isto explica o caráter persecutório de todo o delírio psicótico em geral e do delírio paranoico em particular (CABAS, 1982, pp.255-256).

Essa construção narcísica lhe possibilita ver aquele que o escuta como alguém com pouca representatividade ou importância. O processo discursivo constituído no jogo das formações imaginárias (PÊCHEUX, 1993), quando pensado o discurso psicótico, na perspectiva psicanalítica, é diferente da lógica de A de projetada em B e vice-versa. O sujeito interpelado pelo inconsciente baseado no furo, na sua foraclusão do Nome-do-pai, tem em si uma projeção especular. O outro, o sujeito B, existe na sua lógica da loucura, quando este entender que ele existe. Logo, o analista ao estar com o sujeito da FD da loucura, tem um grande desafio de acessá-lo. Por isso, na psicanálise há uma grande discussão quanto à possibilidade de cura do psicótico. Para Quinet (2006, p.95), “Questão fundamental para sabermos o que nos é impossível prometer como cura na psicose e o que nos é permitido esperar em seu tratamento pelo discurso analítico”.

No final da SD19, há um reforço desse discurso paranoico, da lógica da forclusão, em que o outro, o sujeito que escuta, é visto como alguém a ser ludibriado: *Talvez eu possa dedicar-me a isso de agora em diante – a enganá-la. Será a minha diversão.* O sujeito A achou uma motivação em relação ao sujeito B, alguém a ser enganado. Não nos esqueçamos de que esse sujeito está circunscrito e atravessado por um discurso paranoico e ao querer enganar alguém pode se perder em sua lógica de novo, de forma sucessiva, adentrando sempre as suas lógicas próprias, num movimento tautológico.

Suas lógicas próprias sempre serão atravessadas pela questão ligada a sua não resolução em relação ao Complexo de Édipo. De tal modo, que seu discurso se centra num primeiro momento nessa sua crise em relação à figura materna, tendo na figura paterna um rival eterno. Problema esse que não o oportuniza a tornar sujeito, já que o Complexo de Édipo é o processo simbólico que possibilita o entendimento de “três fundamentos do sujeito inconsciente: identificação, sexualidade e modelo para seu exercício. Fundamentos que, oportunamente, são os que se condensam e deslocam, metaforizam em toda produção do sujeito” (CABAS 1982, p.125).

O pai sempre será marca de seu insucesso seja na vida pessoal, profissional ou amorosa. Com a morte da mãe, quando esse sujeito ainda era criança, os problemas de relacionamento com a figura paterna não se resolvem. A reaproximação com o pai só acontecerá por meio de outra figura feminina, a namorada que viria a se tornar sua esposa. Vejamos a seguinte SD20:

(SD20) Foi inevitável que eu tivesse um ataque de ciúme quando nos vimos a sós em nosso apartamento. [...] Minha mulher, então, deixou cair o vestido de seda preto, aproximou-se de mim, enlaçou o meu pescoço e sussurrou que apenas achara agradável o “meu velho” (ela sabia que causaria um bom efeito usar a expressão), e que eu só estava me comportando daquele jeito por que a presença de meu pai reavivara o meu complexo. Terminou sua fala soprando no meu ouvido: “Quem dorme com a mamãe agora é você, meu amor” (SABINO, 2009, p.122)

Ao conhecer o pai, a moça foi educada e disse que o achou agradável. O sujeito descreve a situação a partir de seu ataque de ciúme. O pai ainda é seu rival e produz no sujeito sua desestabilização de tal modo que agora o efeito de sentido é de que esse pai pode lhe roubar a sua mulher. Veja, nas FD dos discursos da

sociedade patriarcal e machista, esse sujeito agora é o ‘dono’ da fêmea, não mais o pai, quem está na cama agora é ele. Contudo, o discurso demonstra a insegurança diante desse novo panorama.

Todos os efeitos de sentido do discurso nessa SD20 vão para a força de persuasão da mulher em relação ao seu caráter sexual. Temos aqui o discurso de que a mulher consegue resolver e toda e qualquer problemática a partir do sexo. Vários ditados populares se enquadram nesse interdiscurso da mulher como pecado a partir do sexo. Numa FD da moral cristã, podemos ligar a ideia de Eva, de Lilith. Numa FD do discurso machista, tem a ideia de que o casal pode resolver seus problemas na cama, que se a mulher quiser usar de seus atributos estéticos e corpóreos não haveria homem capaz de resistir.

Ressalta-se aqui a ideia arquetípica da mulher anjo e da mulher demônio, em que a mulher perfeita seria aquela a qual conseguiria ter as duas facetas. No discurso machista do senso comum aparece em ditos como o de que a ‘mulher tem que ser uma dama na sociedade e uma puta na cama’.

No espaço público, o corpo feminino constitui um capital simbólico e funciona como o espetáculo do homem: sua beleza é algo a ser cobiçado, conquistado, exibido, ostentado para e pelos homens. Em contraposição a esta superexposição e valorização, as particularidades dos corpos devem ser amenizadas, anuladas até a conformação de um modelo impessoal. As regras sociais impõem às mulheres de bom proceder a discrição e a dissimulação de suas formas (TEIXEIRA, 2012, p.126).

Podemos observar toda essa construção de interdiscurso em algumas passagens dessa SD20, como em: *Minha mulher, então, deixou cair o vestido de seda preto, aproximou-se de mim, enlaçou o meu pescoço e sussurrou que apenas achara agradável o ‘meu velho’,* ou ainda, *Terminou sua fala soprando no meu ouvido: Quem dorme com a mamãe agora é você, meu amor.* Nas duas passagens, a construção discursiva dessa mulher é atravessada por esse interdiscurso do poder feminino sexualizante. Na primeira passagem, o fato de deixar cair o vestido de seda é demonstração de seu poder, como também vemos em o ato de soprar no ouvido. Ao mesmo tempo, que esse vestido de seda simboliza sua discrição e postura de mulher ‘recatada’ e ‘digna’ aos preceitos sociais.

Tem-se que destacar ainda nesse processo a retomada da ideia do Complexo de Édipo. Ao passar por essas situações, há um reviver do Complexo. É como se o

Complexo de Édipo estivesse apagado: a mãe morreu, o pai está longe e não haveria problema. Agora, ao ter uma mulher, o pai a conheceu e o complexo voltou. O ápice dessa situação discursiva se dá justamente na ideia de que agora é ele que dorme com a mãe, percebe-se que não é a mãe, e sim, a mãe.

Já vimos que ideia de Édipo, na psicanálise, é no nível simbólico e, mais uma vez, atravessa o discurso desse sujeito a ideia de um fato material. Ele dorme, faz sexo com sua mulher como se essa fosse sua mãe. No mínimo, um fato perturbador, se não estivéssemos analisando um discurso psicótico, cuja figura paterna é forcluída. Novamente, a construção da imagem é de 'um relato esquemático e manual', como proferido na SD19.

O Complexo de Édipo não só está sem resolução quanto à psique desse sujeito, por isso seu enquadramento num discurso paranoico, como toda nova lógica delirante se constrói em relação ao mote do Mito de Édipo, visto não no simbólico, mas sim, na realização factual.

Quinet (2006, p.21) afirma que "O chamado ao Nome-do-Pai forcluído pode dar-se quando o sujeito é instado a ocupar uma função que corresponde a uma função simbólica de pai".

Se é ele que vai ter a mulher, ele está ocupando uma função simbólica de pai, logo quando diz que reavivará o complexo, temos aqui o furo mais uma vez se manifestando, sua forclusão do Outro, do Nome-do-pai. Não há como ele reavivar aquilo que não passou, no sentido de viver de novo o que nunca viveu.

No movimento neurótico:

O complexo de Édipo desaparece com o complexo de castração: o menino reconhece então na figura paterna o obstáculo à realização de seus desejos. Abandona o investimento feito na mãe e evolui para uma identificação com o pai, a qual lhe permite, mais tarde, uma outra escolha de objeto e novas identificações: ele se desliga da mãe (desaparecimento do complexo de Édipo) para escolher um objeto do mesmo sexo (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.168).

Essa lei, na acepção lacaniana, que deve ser superada; lembrando que o próprio Nome-do-pai necessariamente não é a figura genética do pai, mas sim, uma posição demarcada no âmbito social. A função paterna ou a metáfora paterna é um significante primordial alheio ao sujeito da psicose.

Segundo Lacan, a psicose resulta do fracasso por parte da criança de assimilar um significante “primordial” que estruturaria de outro modo o universo simbólico dela. Esse fracasso deixa a criança sem âncora na linguagem, sem uma bússola que a oriente. Uma criança psicótica pode muito bem *assimilar* a linguagem, mas não pode *vir a ser* na linguagem da mesma forma que uma criança neurótica. Carecendo desse fundamental ponto de ancoragem, o restante dos significantes assimilados estão condenados a navegar á deriva (FINK, 1998, p.78).

O discurso psicótico se estabelece num lugar do furo como vimos, em que as operações básicas do Complexo de Édipo não se sucederam da forma convencional: de um amor à mãe e ódio ao pai, de um momento de passagem, de inversão, chamado castração; ao amor e identificação ao pai e ódio da mãe. A passagem por essas fases, as quais são rupturas paradigmáticas, possibilitam ao sujeito constituir-se no nível dos significantes que o compõem.

A insistência e retorno ao Édipo no nível discursivo desse sujeito demonstra sua forclusão, a qual vem à tona por meio de suas alucinações e delírios. O fracasso desse significante primordial da função paterna lhe retira a possibilidade do seu devir por meio da linguagem.

O nível imaginário não se remete ao campo simbólico que desenharia seus contornos, assim como o real não estaria aí costurado, ficando o inconsciente a céu aberto. A ausência estrutural do Nome-do-Pai, sua não operatividade no Édipo, provoca, como efeito, uma coincidência entre os campos do imaginário e do simbólico, como se o ser se resumisse ao seu organismo ou à sua própria imagem. Há uma alteração no nível mesmo da estruturação do sujeito na linguagem (GUERRA, 2010, pp.34-35).

Se esse Ser confunde o imaginário e o simbólico, seus delírios tendem a reforçar justamente o que ficou em aberto quanto suas representações simbólicas e será por meio do discurso que as marcas desse conflito irão se materializar. A reiteração ao Édipo nos discursos desse sujeito exemplifica bem como a lógica de seu discurso paranoico vai sendo construída.

Tanto que o fato de dormir com a mãe, personificado na sua mulher, naquela que ele possui na cama será um fio discursivo constante. Sua mulher é a representação da mãe que ele nunca superou, o Outro materno não se estabeleceu do modo pelo qual no discurso neurótico deveria ser evidenciado:

(SD21) Meu pai permaneceu em Paris por vinte dias, mais ou menos. Consegui não ser desagradável durante todo esse tempo. Afinal de contas, era eu, agora, que dormia com a mamãe. Essa frase teve um efeito pacificador sobre mim – e minha mulher não cansava de repeti-la toda vez que chegávamos em casa à noite, depois de deixarmos meu pai no hotel (SABINO, 2009, p.123).

De acordo com o relato, o pai, não ficava em Paris, contudo a partir do momento que ele, o filho se estabeleceu com uma mulher, a qual era educada e fina, passou a visitá-lo mais. Em *Consegui não ser desagradável durante todo esse tempo*, há um efeito de sentido de que ele sempre era desagradável na presença do pai. O mais interessante é que agora ele mudou a postura por ser ele que dorme com a mamãe. Essa obsessão por ocupar o papel desse pai, é o efeito pacificador desse sujeito. A mulher repetia toda vez e isso lhe deixava mais confiante de tal modo que se reaproximará de seu pai. Em *minha mulher não cansava de repeti-la toda vez que chegávamos em casa à noite, depois de deixarmos meu pai no hotel*, cansava produz um efeito de sentido de que a mulher fazia isso de propósito, ou ainda, para satisfazê-lo, reforçando sua confiança.

A descrição do relato vai descrever a volta para o Brasil, o casamento, tendo como ápice o momento em que o sujeito descobre que vai ser pai. Não mais apenas dorme com mãe como agora ocupará a posição de pai, na materialização de um filho:

(SD22) Saber que teríamos um filho me deixou bastante abalado. Com o resultado do exame nas mãos, caminhei pelo jardim, pensando na ironia de me tornar pai sem ter deixado de me tornar filho. O que eu quero dizer é que eu dependia do meu pai mais do que seria aconselhável e, conforme as palavras da minha analista, ainda não conseguira realizar luto pela morte da minha mãe [...] (SABINO, 2009, pp.148-149).

Logo no início da SD22, em *Saber que teríamos um filho me deixou bastante abalado*, os efeitos de sentido se estabelecem numa desestabilização, pois ficou 'abalado'. Não foi 'surpreso', 'feliz', ou mesmo, com medo. Ser pai lhe causou um abalo, um movimento, oscilou perante a notícia. Tanto que afirma: *Com os resultados do exame nas mãos, caminhei pelo jardim, pensando na ironia de me tornar pai sem ter deixado de me tornar filho*. Destaca-se nessa afirmação, a questão de se tornar pai e deixar de se tornar filho, tornar-se pai é um fato normal já que a esposa estaria grávida, contudo, em seu assujeitamento, ele ainda não havia

se tornado filho. As palavras na sua opacidade, no ato falho, constituem efeitos de sentido muito interessantes. O tempo todo, esse filho projeta sua rivalidade em relação a esse pai, quer ocupar o papel desse pai, o amor e atenção da mamãe agora é dele. O Outro materno estaria demonstrando sua possibilidade de gozo em cotejo a seu rival, o pai. Lembrando que isso se deve a ausência da metáfora paterna.

É o Nome-do-Pai que limita e esvazia o gozo do Outro, separando o gozo do corpo e fundando o sujeito capaz de desejar. O psicótico, que foraclui o Nome-do-Pai, terá sempre o Outro presentificado, invadindo suas relações, como atestam as alucinações. Sabemos que a castração implica o recorte de gozo que, localizado, separa o sujeito do campo do Outro. Por conta da não extração do objeto a na psicose, o gozo, não articulado e contido pela linguagem, retorna como real em excesso. Assim, o psicótico permanece identificado à posição de gozo do Outro, oferecendo-se ele próprio como objeto no lugar da falta que não se inscreveu pela castração. (GUERRA, 2010, p.45).

Ter um filho produz um efeito de sentido de ruptura à base de foraclusão já estabelecida, em que o superior, o que tem mulheres, aquele que tinha relações sexuais com a mãe desse sujeito, rico, bronzeado era esse pai. Nunca superado, pois a identificação desse sujeito estava no gozo desse Outro. Ser pai agora era a possibilidade de superação, tanto que declara na SD22: *conforme as palavras da minha analista, ainda não conseguiu realizar luto pela morte da minha mãe*. Tem-se aqui a ideia da necessidade de superar a figura materna, fato que deveria ter acontecido na operação da castração, pensado isso dentro do discurso psicanalítico.

Outra possibilidade é que esse filho que nascerá pode ocupar a posição foracluída de seu pai, já que ele tomará a 'mamãe', a qual é sua esposa. Tal qual seu pai, seu filho tomará sua 'mamãe'. Esse movimento cíclico do furo, da falta novamente constituirá uma tautologia, cuja 'saída' é a morte do pai e o não estar com esse filho. Repousando ainda a dúvida se esse filho era seu, podendo ser de seu pai, logo, um irmão. Percebemos como o discurso paranoico vai se constituindo em saídas que remontam a outras realidades, tão alienantes quanto as suas 'origens'. Já que se o bebê fosse irmão, teria mais um rival e o conflito se instalaria de novo, de forma sucessiva.

Outra afirmação que merece destaque analítico quanto a um ato falho nessa SD22 é a seguinte: *O que eu quero dizer é que eu dependia do meu pai mais do que*

seria aconselhável. Se ele ‘quer dizer’, está ligado a sua vontade, ou ainda, a sua lógica forcluída de significantes. A dependência ao pai é descrita como aceitável até um determinado nível e ele entende que já passou do aconselhado. Logo, assumir uma função paterna o abala justamente pela ausência da metáfora paterna em si mesmo, pela não inscrição do significante do nome-do-pai.

No seu relato, todas as situações descritas não fizeram sair de sua razão, até esse momento, seu discurso vai desvelando sua condição existencial baseada na paranoia. O fato descrito como o motivador da saída de sua racionalidade para o ato de matar o pai é a descoberta de que o pai e sua esposa eram amantes desde a época de Paris e que o filho que ela esperava talvez não fosse dele, e sim, do pai. Como dissemos anteriormente, esse filho poderia ocupar o lugar de seu pai, ao tomar também a mamãe, ou ainda, ser seu irmão, também tomando a posição de filho, a qual ele nunca ascendeu em relação ao pai.

Essa situação descrita fecha todo o ciclo de sua condição psicótica, materializada no nível discursivo:

(SD23) Devo dizer que não sentia nenhuma raiva, apenas decepção. E, é curioso, a decepção era maior com meu pai do que com minha mulher. O que significava que eu ainda conseguia ter alguma expectativa positiva em relação a ele, apesar de todo nosso histórico (SABINO, 2009, p.154).

Quando da descoberta da situação da traição, constrói um discurso centrado numa FD da racionalidade, já que controla seus sentimentos e não sente raiva, apenas decepção. O que parece racional, numa situação como a descrita é racional demais, já que somos humanos e temos afetos. Ressalta ainda a decepção como maior em relação ao pai, fato que produz o efeito de sentido no discurso psicanalítico em relação ao furo, a falta do significante de Nome-do-pai. Ele ter se decepcionado mais com o pai do que com a mulher e dessa necessidade de reconhecimento especular do gozo desse Outro que era projeção de suas angústias se reforça em: *O que significava que eu ainda conseguia ter alguma expectativa positiva em relação a ele, apesar de todo nosso histórico.* Quando pensamos esse ‘apesar de todo nosso histórico’, temos que lembrar que é o discurso paranoico de um sujeito psicótico. Logo, a lógica da sua história é composta pela lógica a qual utiliza para fugir de sua realidade.

Qual a realidade do sujeito na psicose? Ela está na dependência da relação do sujeito com o significante e se declina da seguinte forma: antes do surto, a realidade é sustentada por bengalas imaginárias, quando do surto, há uma dissolução imaginária e uma catástrofe subjetiva equivalente ao fim do mundo; e, finalmente, há uma recomposição da realidade com a reconstrução do mundo a partir do trabalho do delírio (QUINET, 2006, p.54).

Pensado os argumentos do sujeito que analisamos sob essa ótica do delírio, o discurso que tomamos para a análise é a recomposição da realidade, da reconstrução de mundo desse sujeito. Durante o percurso discursivo demonstrado, a questão edipiana foi um dos cerne, como se esse processo se constituí na justificativa para matar o pai:

(SD24) Meu pai me torturara quando eu era criança, havia me abandonado depois da morte de minha mãe, seduzira minha mulher, depois a forçara a continuar fazendo sexo com ele e, por fim, havia usurpado a minha posição de pai ao engravidá-la. (SABINO, 2009, p.160).

Toda a construção de uma realidade atravessada pela crise do Complexo de Édipo se estabelece nessa SD24, em que se tem um pai torturador, que abandona o filho, seduz a mulher do filho, engravida-a e toma a sua posição de pai. Todo esse caminho descrito na SD24 mostra um pai tirano, cujo filho não conseguiu superar no que tange à lei do Nome-do-pai, transcendendo a uma posição de sujeito baseada em aspectos de práticas regulares que reproduzem as mesmas práticas da figura paterna.

O significante foracluído do simbólico retorna no real sob a forma de alucinação; e se o significante que está foracluído do simbólico é o Nome-do-Pai, o trabalho delirante vai fazer com que o sujeito percorra um caminho construído para ser pai. A continuação dessa questão preliminar é portanto o que ocorre a nível do real em jogo na psicose que, por conseguinte, concerne ao gozo. (QUINET, 2006, p.61)

Logo, a forma como o discurso paranoico desse sujeito foi sendo interpelado por seu inconsciente se efetivou na direção de buscar uma realidade em que o simbólico do Nome-do-pai fosse alcançado. Lembrando que no discurso psicótico, o que falta é justamente essa simbolização, na foraclusão do Outro do Nome-do-pai.

Por isso, os efeitos de sentido delineados na análise na perspectiva do discurso psicótico são atravessados pelo inconsciente que tem em Édipo o centro de uma nova realidade, lógica na FD da racionalidade da loucura. De tal modo, que a negação e reforço do discurso baseado em Édipo se tornam o fio do discurso do relato:

(SD25) Por que evito falar em complexo de Édipo? Antes de tudo ocorrer, eu só não citava porque o nome soava ridículo aos meus ouvidos. Talvez por ter presenciado conversas em que as pessoas soltavam com uma naturalidade constrangedora frases como “meu Édipo atrapalha a minha relação” ou “seu Édipo não permite que você encaminhe as coisas da melhor forma”. Depois que matei meu pai... Bem, digamos que eu superei de tal forma – não no sentido psicanalítico, é claro –, que complexo de Édipo está longe de dar conta da minha tragédia (SABINO, 2009, p.30).

Percebemos nessa SD25, que o sujeito nega sua dependência ao Complexo de Édipo e ressalta que sua tragédia está muito além da representação edipiana. E a superação desse complexo se deu no ato de matar o pai: *Depois que matei meu pai... Bem, digamos que eu superei de tal forma.* Como se trata de um discurso paranoico, matar o pai para ele é o fato de matar o pai em si, não há uma simbolização do Nome-do-pai, uma vez que tal significante lhe falta. Logo, em sua lógica da loucura, não há culpa em matar o pai, justamente por que lhe é ausente a metáfora paterna. Isto é, no seu delírio, formulam-se suas realidades lógicas.

Em suma, sob o delírio desordenado e manifesto reina a ordem de um delírio secreto. Neste segundo delírio, que é, num certo sentido, pura razão, razão libertada de todos os ouropéis exteriores da demência, colhe-se a paradoxal verdade da loucura. E isto num duplo sentido, uma vez que aí se encontra tanto aquilo que faz com que a loucura seja verdadeira (lógica irrecusável, discurso perfeitamente organizado, encadeamento sem falhas na transparência de uma linguagem virtual) e o que a faz ser verdadeiramente loucura (sua natureza própria, o estilo rigorosamente particular de todas as suas manifestações e a estrutura interna do delírio) (FOUCAULT, 2010, p.260).

Logo, no seu delírio mais ‘racional’ da loucura, o pai, seu rival, está morto, deixando de ser uma ameaça, já que simbolicamente o sujeito psicótico não iria resignificar o que o pai representa, por assim dizer. Já que o Nome-do-pai não foi inscrito nesse sujeito, então não há simbólico do Nome-do-pai a ser morto. Em sua

lógica paranoica, de um discurso racional por essência, matou o pai, é um parricida e o fez por seus motivos, sem titubear até o fim.

(SD26) Foi com uma paulada na nuca e outra no alto da cabeça. Mas eu não estava sozinho quando telefonei para a polícia. Por intermédio do sujeito que chantageara o motorista de meu pai, contratei a peso de ouro três criminosos, aos quais fiz entrar na casa depois de cometer o assassinato. Eles estavam instruídos a imobilizar-me logo após o telefonema, ainda que na última hora eu revogasse essa ordem – o que não fiz (SABINO, 2009, p.162).

Percebemos que todo o processo para assassinar o pai é premeditado, não importando o preço: *contratei a peso de ouro três criminosos*. Interessante também, é que ele chama seus cúmplices criminosos, como se o assassinato que ele cometeu não fosse um crime. Esses criminosos deveriam imobilizá-lo, a fim de evitar que ele fugisse, sua racionalidade se dá até em relação a seus possíveis sentimentos, mas ‘claro’ que ‘ele não precisou’: *Eles estavam instruídos a imobilizar-me logo após o telefonema, ainda que na última hora eu revogasse essa ordem – ‘o que não fiz’*.

O desejo de ser o que lhe faltava, o seu furo, a forclusão desse Nome-do-pai é justamente na lógica paranoica a possibilidade de torná-lo existente, é como se ao matar o pai, esse pai começasse a existir. Embora, como não existe o Nome-do-pai, a resignificação dessa representação é uma antinomia desse sujeito com todas suas forças:

(SD27) O meu desejo convertido em realidade seria o remédio a ser usado contra o meu pai. O princípio podia ser homeopático, mas não a dose. Desejara matá-lo inúmeras vezes, mas agora o faria de verdade, e com minhas próprias mãos. Transformá-lo em vítima seria a forma de libertá-lo de sua monstruosidade, de absolvê-lo – e, assim de poder celebrá-lo como um pai (SABINO, 2009, p.161).

A monstruosidade do pai, o qual o torturou psicologicamente, entendendo-se como vítima se findaria com a morte deste. Em *O meu desejo convertido em realidade seria o remédio a ser usado contra meu pai*, há três denominações interessante de destacarmos: desejo, realidade e remédio. Na lógica paranoica, a morte do pai é um remédio, aquilo que cura uma doença. Isto é, o pai é um mal, uma enfermidade cujo desejo de morte era a cura: *Desejara matá-lo inúmeras vezes, mas agora o faria de verdade, e com minhas próprias mãos*. Fazer de verdade e

com as próprias mãos dão o efeito de sentido da materialidade do parricídio como uma explicação plausível dentro da lógica desse discurso psicótico.

Apenas matando o pai, em sua racionalidade do discurso paranoico, seria possível celebrar esse pai enquanto uma figura paterna: *Transformá-lo em vítima seria a forma de libertá-lo de sua monstruosidade, de absolvê-lo – e, assim de poder celebrá-lo como um pai.* Esse pai, conforme as fases do Complexo de Édipo, enquanto função paterna, foi foracluído. De tal modo que a necessidade da morte de tudo que esse pai representava em relação aos fracassos do sujeito só seria possível com a morte materializada desse Outro na lógica desse discurso paranoico.

Mas o Outro do paranóico não é qualquer um: é um Outro idealizado, que traz a marca do Ideal do eu. Ele encontra no Outro o Ideal que gostaria de ser: daí o sujeito, no ato homicida atacar a si mesmo no Outro. O que é o ataque ao Outro se revela, portanto, como autopunição, cuja sanção legal pode ter inclusive efeitos terapêuticos para o sujeito (QUINET, 2009, p.165).

Matar o pai para esse paranoico é eliminar esse Outro que representa tudo que ele desejava ser. A monstruosidade desse pai pode ser a sua própria monstruosidade. Assassinar esse Outro seria uma solução para matar seu próprio monstro interior, o qual vai continuar a persegui-lo, pois esse pai como metáfora paterna nunca existiu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo proceder com uma análise do discurso a partir do relato de um personagem que afirma ter matado o pai. O desafio para essa análise foi o de que o texto em que se encontra a descrição desse parricídio é do gênero literário. Trata-se de um romance intitulado: *O dia em que matei meu pai*, de Mario Sabino.

Como aparato teórico e metodológico a pesquisa se filiou a linha da AD francesa, centrada nos estudos de Pêcheux. A interdisciplinaridade da AD com a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise desencadeou a ideia da possibilidade da análise dessa obra literária, pois matar o pai remete ao mito de Édipo e à própria ideia de loucura, a qual se estabelece também em nível histórico e ideológico.

Sem adentrar aos valores de autoria, o texto literário foi tomado como uma produção discursiva em seus níveis de estrutura e acontecimento. Conceitos da AD como FD, FI, interdiscurso, efeitos de sentido foram basilares para o processo analítico.

Na construção da análise, percebeu-se uma possibilidade interessante de deslocar o processo analítico por duas sendas distintas em que as condições de produção afetavam os efeitos de sentido. Para tanto, num primeiro momento, os esforços se concentraram nas relações conceituais da AD para em seguida perceber como os discursos das FD da racionalidade e da lógica postulavam uma loucura como desrazão.

O desafio de se perceber o *corpus* literário como cabível a uma Análise do Discurso foi se tornando possível ao se pensar duas condições de produção distintas em relação à materialidade linguística que tínhamos em mão. Tomado o texto em seu nível discursivo de um acontecimento na esfera do relato, o processo analítico foi se materializando dentro de estruturas próprias ao discurso psicótico, visto a partir da ruptura paradigmática da psicanálise.

Entretanto, antes de adentrarmos nessa possibilidade analítica da perspectiva psicanalítica, exploramos um fato que se reiterou por toda a formação discursiva desse sujeito assujeitado, 'dono' do relato: o jogo dialético de razão e desrazão. Para tanto, pensou-se o fio discursivo diante das FD de discursos da logicidade e da razão, em contraponto às FD de discursos da loucura, entendidas em contextos não

especializados como um movimento ilógico, de desrazão. O sujeito assujeitado a essas ideologias vai se afirmando dentro de FD que deslizam de discursos da lógica para os da loucura.

Basta lembrarmos que se trata de um sujeito considerado louco tentando desconstruir sua própria alienação perante a sua condição mental. Várias SD mostraram como o sujeito do relato tentava se legitimar como racional e lógico. Nesse jogo, um fato se demonstrou de forma muito pontual: um homem considerado louco (ilógico) tenta explicar seus atos sobre o argumento de uma racionalidade (lógica). O uso do pronome 'eu', de expressões adversativas que se tornavam aditivas e argumentos racionais para a explicação de um parricídio vão dialetizando o jogo de formações imaginárias de um sujeito alienado a sua condição psicótica.

Discutido esse processo, os capítulos 3 e 4 estabeleceram-se com duas propostas de condição de produção diversas.

A primeira análise se estabeleceu no seguinte quadro: um homem que matou o pai está sofrendo medida de segurança e se encontra internado. A segunda análise foi a de um homem que não estava sofrendo medida de segurança, e sim, encontrava-se em um hospital psiquiátrico. A semelhança dos dois quadros se constituiu em relação ao entendimento de que nas duas situações nos deparamos com um discurso psicótico, no nível da paranoia.

Quando pensamos o discurso paranoico, devemos tomá-lo na composição de um quadro lógico e racional da construção de argumentos. O paranoico baseia tudo que diz, num processo racional. Isso só foi possível de ser percebido graças aos conceitos e estudos da psicanálise, a qual tirou a loucura do nível de uma mera desrazão.

Na primeira senda, o homem matou o pai está sob medida de segurança e produz um discurso em que sua argumentação se estabelece em sua leitura superior frente a tudo que aconteceu. Ele se assujeita à ideia de que sabe o que fez, manipula todos e se considera não louco. Esse é seu fio discursivo, contudo seu discurso é interpelado o tempo todo por negações, adversativas e um cinismo diante dos fatos que narra.

Há um jogo constante de deslocamentos de efeitos de sentido no discurso científico, nos níveis das FD da medicina e do direito. O sujeito entende-se como centro dos sentidos e um manipulador diante da possibilidade de ser atestado como louco e não sofrer medida penal cabível à prisão. Os médicos lhe dariam o laudo e

os advogados comporiam o aspecto legal. Nesse jogo, de relações de força, o discurso paranoico desse parricida se constituiu numa autoafirmação constante dos motivos que o levaram a assassinar o pai. O sujeito se assujeita a sua loucura e vai tecendo um discurso de razão cartesiana para justificar seu ato, tido como descabido na sociedade ocidental baseada em discursos próprios à moral cristã e validados na forma do sujeito de direito.

Na segunda senda, por sua vez, um homem paranoico produz um discurso em que a morte do pai se estabelece na lógica de foraclusão da metáfora paterna, em que se pode perceber toda a lógica interna do discurso psicótico. Tem-se um homem cujo significante da função paterna é ausente e, por isso, não consegue estabelecer-se na lógica do discurso neurótico.

O assassinato do pai se deu no nível da sua razão delirante, conceitos psicanalíticos, principalmente no que concernem às teorias de Freud e Lacan foram necessários. É com a psicanálise que a loucura será questionada em relação ao preceito de uma desrazão. Matar o pai para esse sujeito é na sua lógica um ato materializado que compõe sua realidade paranoica. Não se trata de uma simbolização da morte, mas sim, da configuração da morte como algo ocorrido.

A grande questão discursiva se estabeleceu justamente no ponto em que esse pai era visto como um rival, alguém que projetava tudo o que o sujeito não foi. Esse Outro foracluído, já que as fases do Complexo de Édipo não foram bem resolvidas, gera um problema indissociável a este ser. Pois, a monstruosidade e tudo que renega no pai são como condições especulares dele mesmo, contudo matá-las não é possível, já que a metáfora paterna nunca existiu.

Nas duas sendas, foi possível notar como a análise do discurso psicótico se salientou em argumentos próprios a uma FD da racionalidade, embora toda a construção de argumentos seja feita por pessoas consideradas psicóticas. Na atualidade, a própria psicanálise começa a questionar o entendimento acerca da imputabilidade do tido incapaz (QUINET, 2009), a qual tem nas FD médica e jurídica, *status* de validação e legalização.

Percebeu-se com essa pesquisa, como textos não tão usuais à AD, como a produção literária, podem ser pensados em sua materialidade linguística, entendidos em seus níveis discursivos com efeitos de sentidos interpelado por ideologias e o inconsciente. A AD muito avança na atualidade quando promove novas interfaces e

possibilidades analíticas, vide os estudos dos discursos das cidades, da voz e de produções artísticas.

É importante não perder de foco os conceitos basilares da AD em que intenção e domínio sobre os sentidos não se perfazem, já que somos interpelados o tempo todo. Não somos donos do sentido, muito menos, donos do que pensamos, nos constituímos nesse movimento de atravessamentos ideológicos, da linguagem e do inconsciente.

Nesse sentido, outro caminho que se mostrou muito profícuo: o da interface pontual da psicanálise em relação à análise do discurso. A produção de legitimação e legalidade do que a loucura por meio do discurso científico médico e jurídico foi outro diálogo pertinente no que se desvelou em FD distintas e muitas vezes complementares.

O sentido da racionalidade e da loucura pode ser visto no percurso analítico em sua complexidade de efeitos de sentido, trazendo à tona, indagações e reflexões acerca de um discurso da loucura. A discussão da figura paterna e da figura materna na composição de seres de linguagem baseados num processo civilizatório demonstra o quão complexo é o pensamento da psicanálise ao deslocar a loucura da desrazão.

Várias obras literárias contemporâneas se estabelecem com discursos da loucura. Várias obras clássicas como Hamlet ou Dom Quixote vêm sendo analisadas pela teoria literária, psicologia e psicanálise há um bom tempo. Abre-se com esse trabalho a perspectiva de uma continuidade de AD baseada no discurso psicótico encontrado em romances contemporâneos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ALMEIDA, Amélia. Contribuições da psicanálise para a ética na contemporaneidade. *In*: TEIXEIRA, Angélica (org.). **Especificidades da ética da psicanálise: conferência, ética e real, ética e...** Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2005. p.128-132

ALTHUSSER, L. A Favor de Marx. 2 ed. Trad. Dirceu Lindoso. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Análise do discurso: um itinerário histórico. *In*: PEREIRA, Helena B. C. & ATIK, M. Luiza G. (orgs.) **Língua, Literatura e Cultura em Diálogo**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2003. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/brand005.pdf>> Acesso em: 02 de jan. 2015.

BRASIL. Código Penal Brasileiro. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848.htm>. 1984. Acesso em 20 de set. de 2016.

BITENCOURT, Cezar Roberto. **Tratado de direito penal: parte geral**, 1. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

CABAS, Antonio Godino. **Curso e discurso da obra de Jacques Lacan**. São Paulo: Moraes, 1982.

_____. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CHESTERTON, Gilbert Keith. **Ortodoxia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

ESPANCA, Florbela. Charneca em flor. *In: Poesia Completa*. Disponível em: http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/florbela_espanca/amar.html. Acesso em: 13 de out de 2016.

FERNANDES, Claudemar Alves. Análise do discurso da literatura: rios turvos de margens indefinidas. *In: FERNANDES, Claudemar Alves; Gama-Khalil, Marisa Martins; JUNIOR, José Antonio Alves (orgs.). Análise do discurso da literatura: rios turvos de margens indefinidas*. São Carlos: Claraluz, 2009. pp. 08-25.

FERRARI, Alexandre; MEDEIROS, Vanise. Na história de um gentílico, a tensa inscrição do ofício. *Revista da Anpoll*. Brasília, 32, p.81-105, Jan./Jul., 2012.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose. *In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX.

GUERRA, Andréa M. C. **A psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: Vol. 1 – As bases conceituais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: Vol. 2 – A clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

JR., Charlie Brown. Só os loucos sabem. *In: Camisa 10 joga bola até na chuva*. 2009.

KAHIURA-JUNIOR, Celso Naoto. **Sujeito de direito e Capitalismo**. 2012. 177 f.. Tese (Doutorado em Filosofia e Teoria Geral do Direito) Faculdade de Direito, USP, São Paulo, 2012.

LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 3 – As psicoses (1955-1956)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LISPECTOR, Clarice. Tempestade de almas. *In: Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1994. Disponível em: <http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/clara18.htm>. Acesso em: 15 de nov. 2016.

LOBÃO. Me chama. *In: Ronaldo foi pra guerra*. 1984.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MALUF-SOUZA, Olimpia. **As condições de produção dos laudos periciais de indivíduos com suspeição de insanidade mental**. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas-SP: DL/IEL/UNICAMP, 2000.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso: história e práticas**. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NASIO, Juan-David. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Língua e conhecimento linguístico: por uma história das idéias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

PAYER, M. O. Linguagem e sociedade contemporânea - sujeito, mídia, mercado. **Rua - Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp - Nudecri**, Campinas, n. 11, p.9-25, mar., 2005.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. (Trad. Eni P. Orlandi). 5.ed. São Paulo: Pontes, 2008.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. (Trad. Bethânia S. Mariani et al.). 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

_____. Metáfora e interdiscurso. *In*: ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PESSOA, Fernando. A imoralidade das biografias. *In*: PESSOA, Fernando. **Páginas de Estética e de Teoria Literárias**. Lisboa: Ática, 1966. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/3748>>. Acesso em: 20 de jul. de 2016.

POSSENTI, Sírio. Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos. *In*: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. v.3. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PRADO, Luiz Regis. Curso de direito penal brasileiro. 14. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2015.

QUINET, Antonio. Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. Teoria e clínica da psicose. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

QUINTANA, Mario. **Apontamentos de história sobrenatural**. Porto Alegre: Editora Globo/Instituto do livro, 1976.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SABINO, Mario. **O dia em que matei meu pai**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. 27. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEIXAS, Raul; ROBERTO, Cláudio. Maluco Beleza. In: **O dia em que a terra parou**. 1977.

TEIXEIRA, Nincia Cecilia Ribas Borges. Bem devassa: a mulher objeto na publicidade e na literatura rodrigueana. **Ângulo - Literatura Comparada**. Lorena, v.II, p. 121-129, out./dez, 2012. Disponível em: <<http://www.fatea.br/seer/index.php/angulo/article/viewFile/1082/856>>. Acesso em: 20 de out. de 2016.

TEIXEIRA, Angélica. Ética e violência. TEIXEIRA, Angélica (org.). **Especificidades da ética da psicanálise**: conferência, ética e real, ética e... Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2005. p.133-139

VICENTE, Gil. **Auto da barca do inferno**. São Paulo: FTD, 1997.

VITA, Maria da Conceição Almeida. Reforma psiquiátrica e psicanálise: encontro/tique que rompe com o autômaton. In: TEIXEIRA, Angélica (org.). **Especificidades da ética da psicanálise**: conferência, ética e real, ética e... Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2005. p.140-149.